

de Caspary

ILUSTRAÇÃO



A N O
- 5.º -

Lisboa, 16 de Outubro de 1930

PREÇO - 4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Número
- 116 -



NÃO É UM LUXO

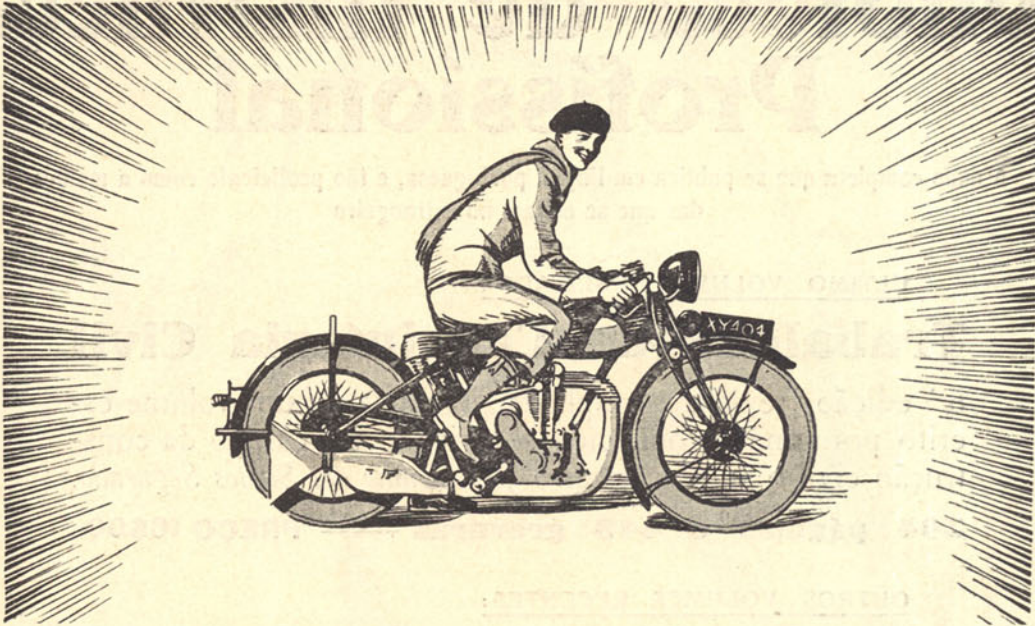
hoje em dia no seu lar aproveitar para a vossa saúde e higiene os modernos aperfeiçoamentos técnicos.

É UMA NECESSIDADE

Rua Mousinho da Silveira, 34
(prédio todo)
Telefones P. B. X. N. 5157-5158
LISBOA

Electrolux

SUCURSAL
Praça da Liberdade, 34
Telefone N.º 2033
PORTO



MOTORINE

USEM UM BOM ÓLEO!

Um óleo barato é sempre caro.

Considere o prejuízo que representa uma reparação devida ao emprêgo de um mau óleo.

Depois de feita esta consideração, experimente **MOTORINE PRICE'S**, o melhor lubrificante.

A **MOTORINE** é o óleo ideal para um trabalho seguro e constante.



MOTORINE

FABRICADO PELA PRICE'S PATENT CANDLE C.º

Companhia Comercial de Lubrificantes

113, Avenida da Liberdade, 115 — LISBOA — Telefone 2.1870

Biblioteca de Instrução Profissional

A mais completa que se publica em língua portuguesa, e tão proficiente como a melhor das que se editam no estrangeiro

ULTIMO VOLUME PUBLICADO:

Trabalhos de Carpintaria Civil

6.^a edição, revista e ampliada. Trata-se de um volume escrito por uma reconhecida autoridade no campo da construção civil o sr. Engenheiro *João Emilio dos Santos Segurado*.

394 páginas e 448 gravuras — PREÇO 16\$00

OUTROS VOLUMES RECENTES:

Manual do Condutor de Automóveis

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

670 páginas e 715 gravuras — PREÇO 30\$00

FISICA ELEMENTAR

pelo capitão *Valdez Bandeira*, segundo o programa dessa disciplina nas Escolas Industriais e Comerciais

Elementos de História da Arte

pelo professor e ilustre pintor *J. Ribeiro Christino da Silva*

Manual do Torneiro e Frèzador Mecânicos

NOVA EDIÇÃO

307 páginas e 372 gravuras — PREÇO 13\$00

OBRAS NOVAS E NOVAS EDIÇÕES, NO PRELO:

Elementos de projecções — Ferreiro — Vocabulário Técnico

DIRIGIR PEDIDOS ÀS

Livrarias AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

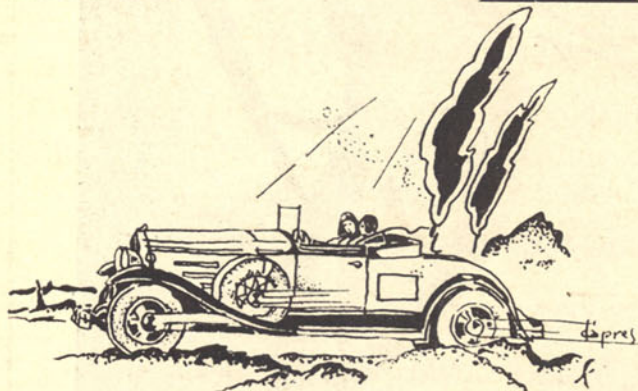


NALLY

MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA
OS MELHORES PERFUMES
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY

FRANKLIN

«O AVIÃO DA ESTRADA»



O motor FRANKLIN, arrefecido pelo ar, quer sobre o avião, quer sobre o automovel, quer ainda sobre o «tank» de guerra é sempre o primeiro

SIMAL

**4, Rua Serpa Pinto
(Ao Chiado)
LISBOA**

**XAVIER ESTEVES & C.^A
101. RUA DO BOMJARDIM
PORTO**

Pensamentos lugubres...

As más digestões habituais, debilidade de estomago, enxaquecas e nauseas, acabam por tornar-nos de humor sombrio.

Para fazer desaparecer esse mau estar e evitar as recaídas, deve-se tomar de manhã e á noite uma colher, das de café, de "Sal de Fructa" ENO, diluido num copo d'agua. A sua acção é sem igual para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo, combater a prisão de ventre, abrir o apetite, e gosar assim serenamente o prazer de viver.

Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt".

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"
Depositaros em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C^O. LTD.
8, Caes do Sodré, LISBOA.

MAGAZINE

BENTON

**CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA
LEIAM O NÚMERO DE OUTUBRO**

... Já chegou o dia



em que todos, tanto pobres como ricos, opulentos como humildes, combatem e afugentam suas dores com um ou dois comprimidos de **CAFI-ASPIRINA**; todos a bendizem porque sabem que ela semeia a felicidade, afastando a dor.

.. Assim pensa um como tantos outros. Va. Exa. mesmo se convencerá.

CAFIASPIRINA

nos traz o bem estar, alivia o cérebro e não ataca o coração nem os rins.

Muito melhor do que eu e muito mais facilmente

LE VÉRASCOPE RICHARD

dá a ilusão da realidade e do relevo.

é um aparelho extraordinário



FORMATS 65 107 0-11 7 13



L'HOMÉOS
LE GLYPHOSCOPE
LE TAXIPHOTE

CATALOGO GRATIS A QUEM O SOLICITAR

51^a A.^o des Etabliss.^{ts} JULES RICHARD. 25 Rue Melingue Paris
Magasin de Vente: 7 Rue La Fayette Paris

OLHAR QUE FASCINA

Com o ondulador **KURLASH** das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o *Fard Rodal Cosmético*, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em farras e longas com os produtos **VILDIZIENNE** e ondulate-as com **KURLASH**. Use na toilette da noite *Crème de Massage*, *Rainha da Hungria* e da toilette diaria, *Água, Crème, Rouge e Pó d'Arroz* da grande marca *Rainha da Hungria*, 4 amostras em mão 10\$ pelo correio 12\$ que lhe beleza

Rejuvenesce, Eterniza a mocidade!

Peça catalogo gratis

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: M.^{me} CAMPOS



AVENIDA DA LIBERDADE, 35



Para evitar as doenças de rins, calculos, reumatismo, doenças de fígado e da bexiga é necessario usar os

LITHINÉS do D^r GUSTIN

A venda nas Farmacias

"EVA," ☒ copa ☒

Uma elegante primeira página
— Uma sensacional página central —
Os mais lindos figurinos
A maneira rápida de preparar os sacos porta-sombrinhas

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: Artigos, Crônicas, Crítica literária, Conselhos e alvitres, Culinária

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30 — LISBOA

TRICROMIA

DESENHO

TRABALHOS DE
GRANDE ARTE

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS
GRATIS

**SECÇÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -**

E' nas oficinas desta
Sociedade que se im-
primem todos os be-
los trabalhos grá-
ficos de

Ilustração

Magazine Bertrand

O Volante

**Historia da Litera-
tura Portuguesa
(Ilustrada)**

**O Comercio
Português**

Almanach Bertrand

As mais modernas insta-
lações do paiz e aquelas
que maior capacidade de
produção possuem " " "

**COMPOSIÇÃO
MECANICA**

**AOS ESTUDIOSOS
AOS BIBLIOFILOS**

Recomenda-se a leitura de

**O bairro da Graça
consagrando
Lafino Coelho**

Notavel trabalho literario de Mário Portocarrero Casimiro com prefacio do dr. Alfredo da Cunha e ilustrado com desenhos originaes da pintora D. Maria Adelaide Lima Cruz, do caricaturista Francisco Valença, do estatuario Cesar Barreiros e do pintor Roberto, uma fotografia de San Payo e diversas outras.

Preço 7\$50

A' venda na filial do "Diario de Noticias"
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

Biblioteca dos pequeninos

DIRECTORA:

D. Emilia de Sousa Costa

NAS PRAIAS E CAMPOS — Recomenda-se ás
nossas crianças a leitura do formoso livrinho

**BAZAR
DE
BRINQUEDOS**

DE

D. GRACIETE BRANCO

*Lindos contos e sugestivas ilustrações
de Alfredo de Morais*

PREÇO 5\$00

A' venda em todas as livrarias e na Filial do
«Diario de Noticias», Largo de Trindade
Coelho, 10 e 11.

Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa.— RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO.— Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros.— Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos uteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente..... **18\$00**

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

32.º — ANO — 1931

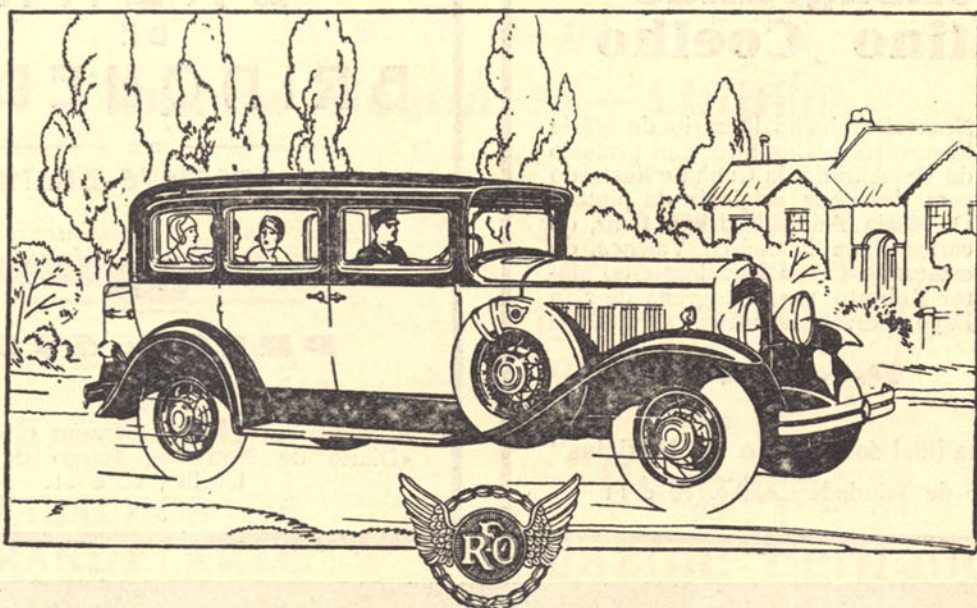
PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

REO*

O maior valor intrinseco com o
mais baixo preço que regista
a historia do REO



À parte a sua longa duração que não oferece duvidas a ninguém, a qualidade que mais famosos tornou os carros REO, durante 27 anos, tem sido o valor intrinseco.

Os carros REO, sempre tem oferecido uma beleza, rendimento, comodidade e funcionamento economico desconhecidos nos outros carros da mesma categoria e preço.

Actualmente com os novos preços reduzidos, este valor intrinseco dos carros REO é mais evidente que nunca, pelo que nenhum comprador deverá deixar de examinar e experimentar um REO antes de tomar uma decisão.

[REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primetros fabricantes da industria auto-motriz, fundador, com outros, ha 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direção da dita firma]

AGENTES GERAES
CONTRERAS & GARRIDO. Lda.
Avenida da Liberdade, 165-171
LISBOA : - : Telf N-6795 e N-789

AGENTES NO NORTE
ANTONIO MARQUES DA FONSECA
194, Rua Augusto Rosa -- PORTO

REO MOTOR CAR COMPANY—LANSING

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procição)

Telef. : 2 1467

EDITOR : Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 116

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : 2 3132

16 DE OUTUBRO DE 1930

O XX ANIVERSÁRIO DA IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

AS
COMEMORAÇÕES
EM
LISBOA E PORTO



NA CAPITAL — AO ALTO, NA OVAL : O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA, COM OS SRS. GENERAL DOMINGOS DE OLIVEIRA, PRESIDENTE DO MINISTÉRIO, E CORONEL LOPES MARTINS, MINISTRO DO INTERIOR, ASSISTINDO NUMA TRIBUNA ARMADA EM FRENTE DA PRAÇA DA ALEGRIA, AO DESFILE DAS TROPAS

EM CIMA : UM ASPECTO DA MARCHA EM CONTINÊNCIA NA INVICTA — EM CIMA, À DIREITA : O DESFILE DAS TROPAS, NA PRAÇA DA LIBERDADE, EM FRENTE DA TRIBUNA

À DIREITA, NA OVAL : UM ASPECTO DA HOMENAGEM PRESTADA POR UM GRUPO DE REPUBLICANOS AOS VENCIDOS DO 31 DE JANEIRO, JUNTO DO SEU TÚMULO, NO CEMITÉRIO DO REPOUSO



O COMICIO REPUBLICANO DE MADRID

EM CIMA, à esquerda — Um aspecto da praça de touros durante o comício, vendo-se na mesa da Imprensa, Novais Teixeira (x), correspondente da Ilustração em Espanha

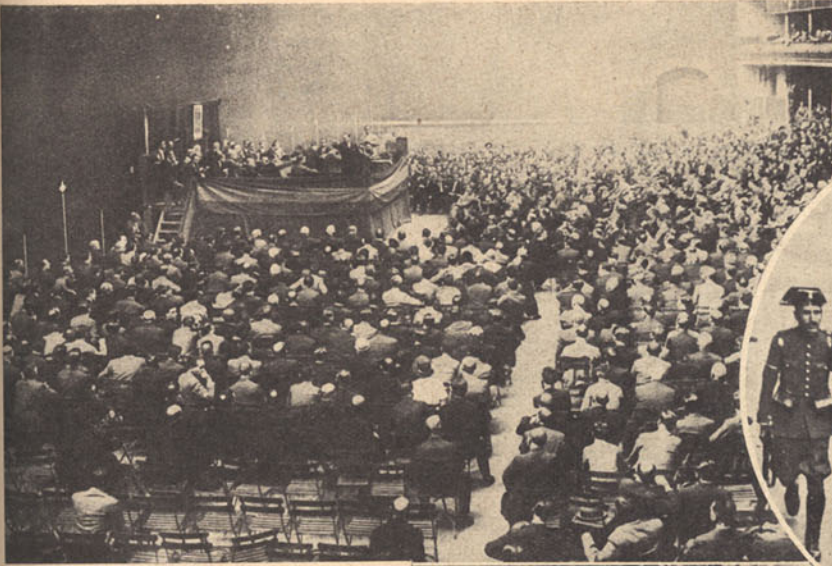
NA OVAL — Alcalá Zamora discursando

AO MEIO, a partir da esquerda para a direita — Os srs. dr. Carcelez, Orzaña e Alexandre Lerroux, que fizeram desassombradas afirmações de fé republicana

EM BAIXO, à esquerda — O grande caudilho republicano Marcelino Domingo
 NA OVAL — Os oradores do «meeting»: Alcalá Zamora (1); Alexandre Lerroux (2); Orzaña (3); dr. Carcelez (4); Marcelino Domingo (5); Abad Conde (6); Martinez Barrios (7); Marco Miranda (8)

(Fotos Orrios, excl. da «Ilustração»)

FIGURAS E FACTOS



OS ACONTECIMENTOS DE BILBAU

A vizinha Espanha vive uma hora de grande efervescência política, sendo, porém, de notar que os tumultos mais importantes que ali se teem produzido foram motivados pela insistência dalguns



AO ALTO : — O comício dos antigos ministros da Ditadura que originou os tumultos
NO MEDALHÃO : — Detenção dum dos manifestantes. EM CIMA : — Um dos eléctricos derrubado pelo povo

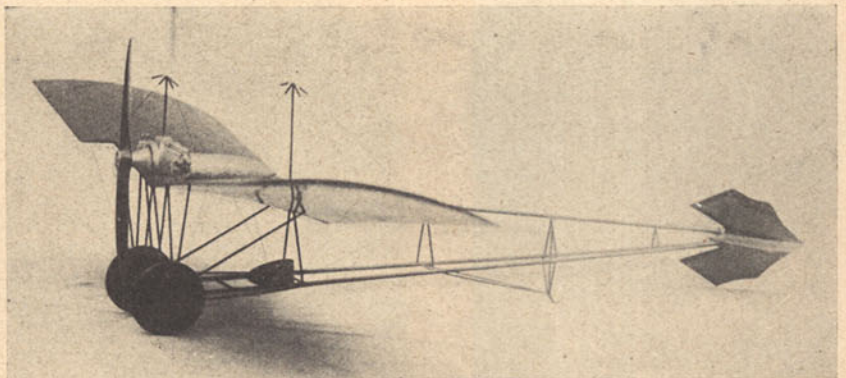
antigos ministros da Ditadura em fazer violento. Assim aconteceu em Bilbao, onde algumas cidades de Espanha comícios de

os antigos ministros da Ditadura foram recebidos com uma gréve geral violenta, tendo

Os protestos, que reflectem o estado de cessado a publicação de jornais e encerrado espírito das populações, assumem um aspecto o comércio as suas portas.



O célebre professor belga Picard, que vai fazer um vôo de grande altitude, junto do seu aparelho



Um antepassado illustre. O primeiro avião de Clement Ader

O MARTIROLOGIO DA AVIAÇÃO

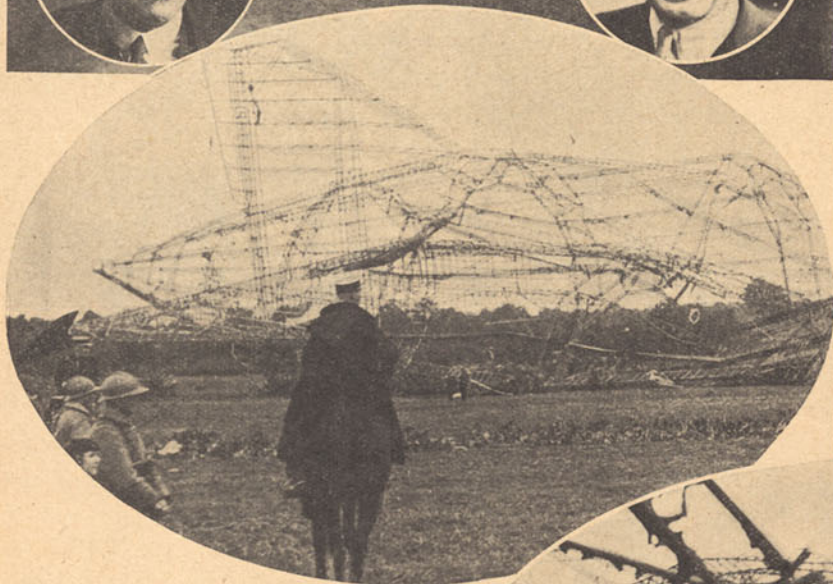
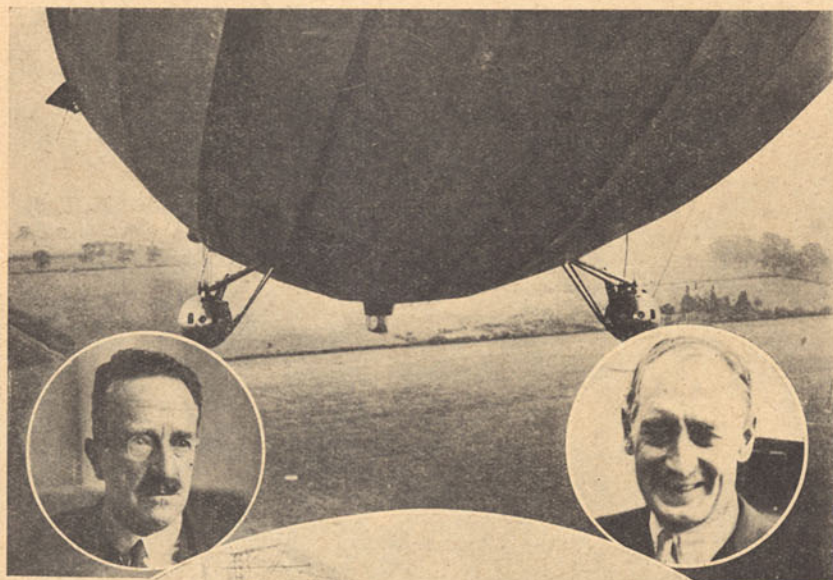
A TRÁGICA CATAS-
:: TROFE DO R 101 ::

Disputa-se, há muito, a primazia na navegação aérea entre o mais leve e o mais pesado que o ar. A vitória que durante bastante pendeu para o lado dos aviões, tinha, nestes últimos tempos, sorriso aos dirigíveis, mercê das admiráveis viagens aéreas realizadas pelo *Graft Zepellin*, sob a direcção do dr. Eckner.

E quando a confiança no mais leve do que o ar, mercê d'esses assinalados triunfos, era completa, surge a tragédia do *R 101*, em que pereceram mais de 60 pessoas, a maioria das quais figuras de grande relêvo na sociedade inglesa.

As causas do desastre ainda não estão devidamente averiguadas, havendo uma corrente pessimista que sustenta que elas nunca mais serão apuradas.

Se tal acontecer o cheque será ainda maior, embora Eckner e seus seguidores não sejam susceptíveis de desânimos perante a adversidade.



AO ALTO :— Um aspecto do dirigível, vendo-se no medalhão da direita lord Thomson, ministro do Ar inglês, e no da esquerda o general Sefton Brancker, duas das vítimas da catástrofe



NO OVAL, em cima :— A «carcassa» do dirigível após o desastre. A DIREITA :— A aeronave voando sôb.e Londres



NO OVAL, da direita :— Procurando as vítimas entre os destroços

O REGRESSO DE «MISS PORTUGAL» — À direita — A sr.^a D. Fernanda Gonçalves com os srs. dr. Franklim de Almeida Lima, que lhe foi apresentar cumprimentos em nome do sr. embaixador do Brasil, comandante do *Lourenço Marques* e pessoas de família

No oval: — A sr.^a D. Fernanda Gonçalves. Instantâneo tirado no momento do desembarque



EM BAIXO — À esquerda: — O sr. dr. António Martins, médico distinto e eminente desportista, cuja morte ocorrida na carreira de tiro de Pedrouços, devido a um desastre brutal, causou uma profunda emoção. À direita: — Um aspecto do «Pôrto de Honra» efectuado na sede da Sociedade Comercial Philips Portuguesa para inauguração das suas novas e importantes instalações na Avenida da Liberdade



À ESQUERDA — Em Ovar. Um aspecto da tradicional procissão realizada nesta vila, a quando das festas do Senhor da Piedade
NO MEDALHÃO — Monsenhor Henrique José Reed da Silva, bispo de Trajanópolis, ultimamente falecido. Era um prelado ilustre, muito estimado no meio eclesiástico



HENDAIA, PORTO FOR- ÇADO DOS EMIGRANTES PORTUGUESES EM FRANÇA



Um dos flagelos mais cruéis que se tem abatido sobre Portugal é, sem dúvida, a emigração. O português foge, em bandos, das suas terras para a América do Norte, Brasil e França. Neste último país entram, diariamente, em média, 300 emigrantes, que se detêm em



Hendaia, onde lhes é fixado destino. Nas fotografias que publicamos vêem-se os nossos emigrantes no *Depot* com os seus tradicionais saquinhos de ramagens e as sórdidas cantina e casa de hóspedes onde eles são indignamente explorados



Moutet, vice-governador do Banco de França que foi a Londres conferenciar acerca dos acordos feitos na célebre reunião internacional de Haia, com Norman, governador do Banco de Inglaterra e outros peritos britânicos



EM CIMA — A «garage» monumental da rua Alexandre Herculano, uma das mais belas da Península, que acaba de ser adquirida pelo inteligente e arrojado capitalista e industrial sr. Alberto de Miranda Pombo (no medalhão) com o projecto de a ampliar com alguns andares tornando-a a mais moderna «garage» monumental da Europa



A ESQUERDA — O capitão Le Brix, célebre «ás» da aviação francesa, companheiro de Costes na travessia aérea do Atlântico Sul. O famoso aviador foi alvo, durante a sua estada em Lisboa, de merecidas e significativas homenagens



A DIREITA — Casamento, realizado em Sá da Bandeira, da sr.^a D. Leontina Maria Carvalho com o sr. Mário Chagas da Silveira

QUINZENA DESPORTIVA



Oda, num salto em comprimento de excelente estilo

HA acontecimentos sobre os quais nunca é demasiado tarde para falar; a travessia aérea do Atlântico, de Paris à Nova York, realizada pelos franceses Costes e Bellonte, está nestes casos.

A viagem que tantas vidas custou, desde a abalada aventureira de Nungesser e Coli, foi finalmente realizada pelo espírito de método, de oportunidade, de sangue-frio, do maior aviador do mundo. Não quero porme-

norizar aqui as condições em que foi feita a viagem, após uma preparação de dezessete meses, um estudo cuidadoso de todas as eventualidades, uma colaboração científica que permitiu o aproveitamento do momento em que se reuniam o máximo de condições favoráveis; nestas linhas pretendo apenas encerrar a proeza pelo seu lado desportivo, frisando quanto para seu êxito contribuiu a preparação física dos aviadores, permitindo-lhes um absoluto domínio de si próprios e a mais inteira confiança nos seus meios.

A êste propósito quero narrar um episódio que define bem a tèmpera dos heróis; homens assim conseguem sempre, dentro das contingências do sempre, o triunfo das suas empresas.

A partida do «Ponto de Interrogação», fôra fixada para as cinco da madrugada, e os aviadores combinaram chegar ao aerodromo uma hora antes. Havia portanto que levantar muito cedo, noite ainda.

Bellonte, que em casa não possuía um despertador, pediu a Costes que lhe telefonasse à hora própria, pois receava não acordar!

A madrugada apresentou-se nublada, e houve que esperar o avanço do dia para que



Um salto em comprimento da japoneza Hitomi, digno de ser invejado pelos nossos atletas

as condições de visibilidade aumentassem. Costes, prevendo a fadiga da viagem, resolveu ir deitar-se em busca de descanso, e adormeceu profundamente até que o vieram chamar para partir.

Este domínio de nervos, esta calma em dois homens que iam arriscar a vida num empreendimento arrojado, são para mim a mais frisante demonstração do valor moral de Costes e Bellonte, desportistas dignos do nome, um nome que tão fôra ainda da sua verdadeira aplicação.

DR. ANTÓNIO DA SILVA MARTINS

Num desastre brutal, e que só nos é compreensível como execução do destino, encontrou a morte o dr. António da Silva Martins, um dos maiores vultos do desporto nacional, exemplo de lealdade e correcção, de modestia e camaradagem.

Atleta de valor excepcional, física e moralmente um forte, coroara-se de glória nas pistas portuguesas, merecendo a distinção de envergar as cores nacionais nos Jogos Olímpicos de Paris em 1924.

Cirurgião distintíssimo, absorvido pelos estudos da sua vida profissional, abandonara as pugnas do seu desporto de mocidade, mas nem por isso desertara das nossas hostes. Atirador de raro mérito, dos primeiros do mundo, dedicava a essa modalidade o melhor da sua vontade de aço, do seu método metucioso, da sua paixão pela luta.

Por seu intermédio bastas vezes brilhou em competições internacionais o nome de Portugal, e habituáramo-nos a considerar a sua presença

num concurso como uma garantia de lustre para o desporto lusitano.

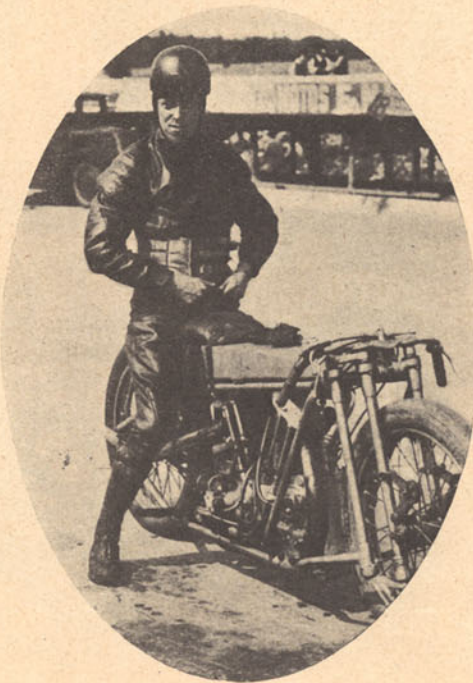
Após Francisco de Serra e Moura, após

Francisco Stropm, o desaparecimento do dr. António Martins é um rude golpe na escassa falange dos nossos valores desportivos, e uma mágoa sangrante para quantos com êle conviveram, quantos, como nós, seus camaradas de Escola e de desporto, lhe puderam apreciar a integridade do carácter, a magnitude da alma, a lhanza do trato.

LÁ POR FORA

A Europa assistiu êste verão a uma verdadeira invasão amarela de ordem desportiva.

Duas missões atléticas, masculina uma, feminina a outra, especialmente enviadas para representação do império do sol levante nos Jogos Universitários de Colónia e nos Jogos Femininos de Praga, percorreram várias nações europeias em encontros que afirmaram o extraordinário progresso do atletismo japonês. Os atletas nipónicos demonstraram quanto vale na classe atlética o equilíbrio da cultura física e a perfeição técnica do movimento;



Wright, recordman do mundo de velocidade em moto

ILUSTRAÇÃO

de estatura diminuta, mas extraordinariamente ágeis, os japoneses conquistaram bastos triunfos em competição com os melhores especialistas do velho mundo.

Entre os campeões viajantes destacaram-se duas figuras de alto relêvo, ambos campeões olímpicos de Amesterdão: Oda e Hitomi, um homem e uma mulher.

Esta última valia por si só toda a embaixada e afirmou um ecletismo difícil de igualar; no encontro Japão-França, disputado em Paris no dia seguinte ao Japão-Bélgica de Anvers, Hitomi, rebelde a toda a fadiga participou de todas as provas do torneio, vencendo duas e classificando-se em seguida em três outras, igualando, entre outras proezas o *record* mundial feminino dos 80 m., com 10 s.

Oda, campeão olímpico do triplo-salto, distinguiu-se sobretudo nas provas de salto em comprimento, nas quais excedeu com frequência os sete metros.

UM «RÉCORD» DE VELOCIDADE

O mundo motociclista registou no mês passado um acontecimento sensacional e

idade em hidro-avião, em automóvel, em barco automóvel e em motocicleta.

NATAÇÃO E WATER-POLO

A actividade desportiva lisboeta tem convergido durante estas semanas sobretudo para a natação, graças ao magnífico recinto da piscina de Algés.

Embora o *foot-ball* tenha feito o seu aparecimento, chamando a si as grandes afluências de público, os jogos de *water-polo* têm sido seguidos com entusiasmo, justificável pela beleza emotiva deste jogo.

É-nos sobretudo agradável registar a correcção de porte de todas as equipas, pondo cõbro aos degradantes conflitos que, não há muito tempo ainda, assolavam este desporto.

Nem todos os jogadores, porém, têm da norma desportiva uma concepção perfeita, que bom seria incentivar-lhes.

Freqüentes são os exemplos de nadadores que utilizam como arma única para impedir a derrota, toda a gama de meios ilícitos que inibam o adversário de exercer a sua actividade. Este método de jogar negativa-

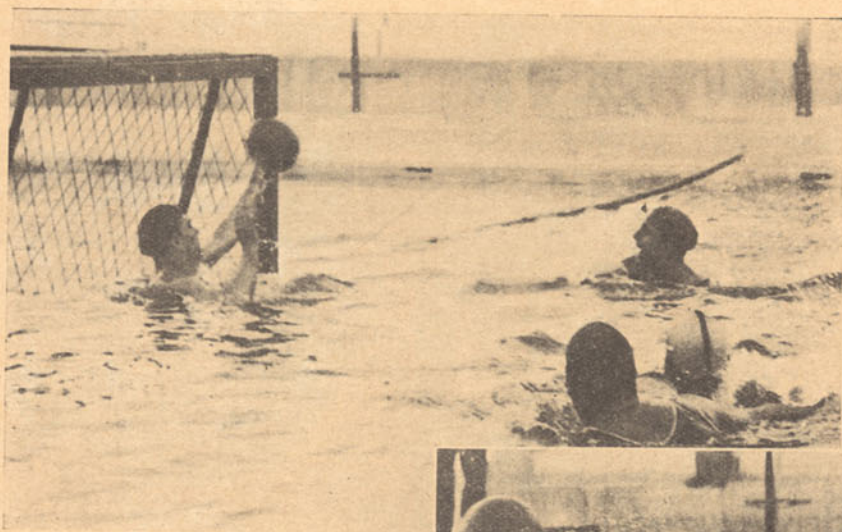


Um belo salto de corpo de Hermano Patrone

mente, não procurando construir, mas apenas impedindo ilegalmente que os contrários construam, é sob todos os pontos de vista reprovável e merece a mais severa punição sob o risco de ver perdida toda a beleza dos encontros de *water-polo*. Parece-nos que os árbitros não punem convenientemente esta sistemática irregularidade, favorecendo assim os intuitos dos culpados que vêm anulada a acção adversária por constantes penalidades, em regra inconsequentes.

Duas palavras ainda para a atitude do público; é quanto há de mais natural que se apoie a *equipe* que lhe é favorita, dentro porém das normas da correcção e do razoável. Excessos são sempre perniciosos e, numa iniciativa recente como esta, podem comprometer-lhe definitivamente o êxito futuro.

SALAZAR CARREIRA.



O primeiro goal do Benfica contra o Nacional

que, sujeito a reflexão, é de causar vertigens.

Na estrada de Arpajon, o inglês Wright, numa motocicleta Temple de 1.000 cmc. de cilindrada, bateu o *record* do mundo da velocidade pura atingindo 220^{km}/995 na base de um quilómetro, duplo percurso em sentidos opostos. Num dos sentidos a velocidade registada foi de 222^{km}/636.

Esta proeza, sob todos os pontos de vista notável, vem completar a gloriosa lista dos triunfos da mecânica inglesa, que fica assim detentora dos *records* mundiais de veloci-



Outro aspecto do desafio Benfica-Nacional



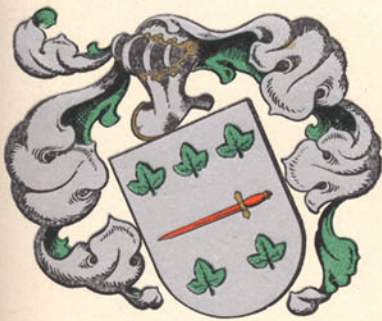
Barba



Barba



Barbaça



Barbalonga



Barbata



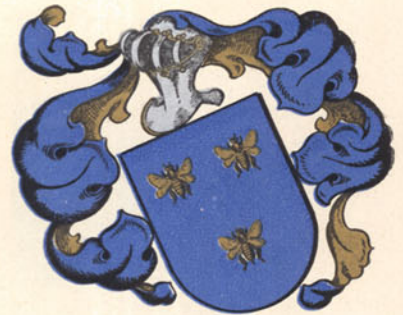
Barbato



Barbado



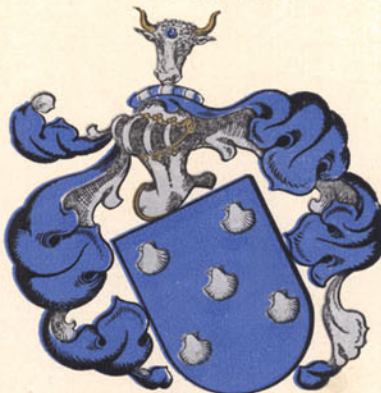
Barbeito



Barberino



Barbosa



Barbozo



Barbuda

CERTA MANHÃ DE ROSAS...

POR ARULLINO RIBEIRO

Entrava Mónica nos dezasseis anos quando fugiu da casa paterna nos braços dum sedutor. Cabelos em madeixas, saias curtas, infantil em tudo, nem lhe faltava aquela desprevenida inocência que se torna arrôjo cego na alma da puberdade. Era filha única, herdeira de legítima que, na boa moeda do tempo, deitava para além dos duzentos contos em prédios rústicos e urbanos, sem falar

quecera à força de economia e trabalho; rico, conservava a modéstia primitiva, porque a vida nunca fôra para êle uma sede de apetites a saciar. Como tantas fortunas, a sua promanara desta compleição simples e infatigável de tesaurizador.

Aos sessenta anos, António dos Cótimos podia, olhando à retaguarda, contar as migalhas que haviam caído das suas mãos de empreiteiro. Por aquela longa e revêssa rua, que do Largo de S. Paulo o levava ao Poço do Bispo, a pé para poupar o bilhete do *Chora*, muitas vezes, pelas manhãs frias de inverno, passara adiante a mulherzinha do café, que vendia a chicara a trinta réis, para ir tomá-lo mais longe, para lá de Santa Apolónia, a outra que o servia a vintém. Salvo o domingo, nunca perdera madrugada na cama. Para os capitalistas da época, tenazes no lucro e no esforço, não precisava de outras recomendações o empreiteiro.

Lentamente, com a segurança dum castor, construiu a sua fortuna. Ao pender para a velhice, dando conta que estava rico, cuidou de trastejar um segundo andar em casa sua e aí fixou lar, até então errante de bairro em bairro. Era um prédio novo, de pé alto, com padaria no rez-do-chão, dentista no 1.º e costureiras e funcionários públicos no 3.º e 4.º piso. Com as suas persianas de tabuinhas, placas de cobre a reluzir nas umbreiras do portal, côr de rosa e bem airado, descerrava um grande ar de burguezia em plena avenida nova. Além de duas criadas, uma que seguia desde longa data seu itinerário incerto, outra móvel segundo manhas e azares, contratou Fraülein Marta, hanoveriana revelha, como professora de Mónica em línguas e piano. Nada mais da equipagem grisalhante das pessoas de teres adoptou naquela sua jubilação de riqueza.

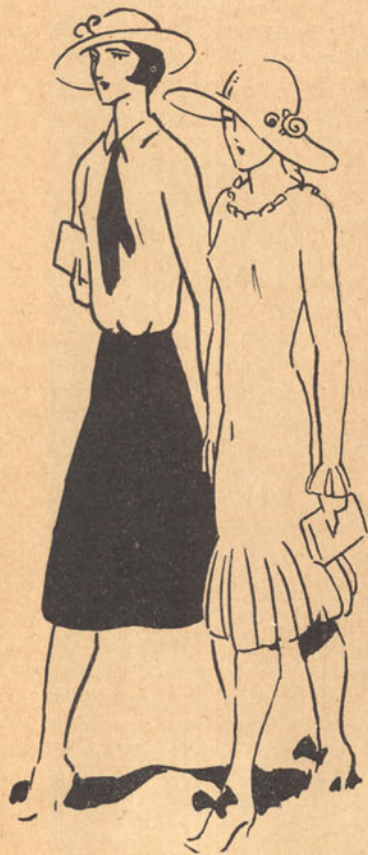
Com o recorrer, porém, da menina para a adolescência, dois anos depois, António dos

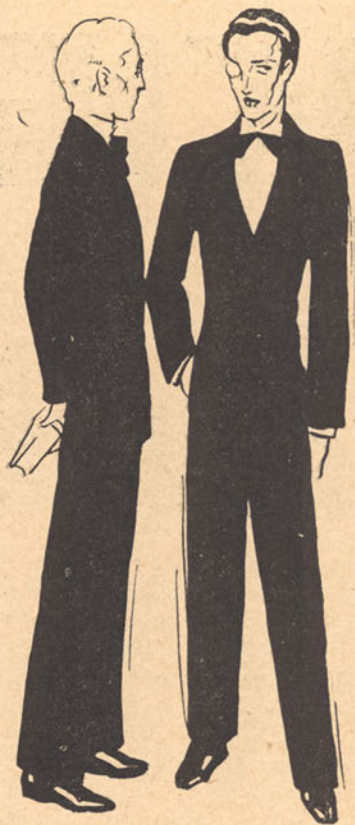
Cótimos viu-se obrigado a alterar os seus hábitos de economia e isolamento, visitando e recebendo algumas das famílias com quem tivera comércio, e passando a freqüentar cinemas e *music-halls*. Fraülein Marta, que blasonava de pedagoga, era a instigadora destes esparecimentos, argumentando que Mónica estava à altura de conhecer mundo.

Com enfado e timidez entrou a pequena a gozar diversões que pareceram bulício e turbilhão a quem só espreitara a vida das jane-



em títulos e valores de bolsa. A riqueza cheira e por êsse cheiro, não por estadão, pois tivera sempre a guiá-los o bom senso da simplicidade, se tornaram notados os Cótimos. O pai, camponês filho de camponeses, guardara puro o instinto parcimonioso da gleba; enri-





las estreitas dos bairros pobres. O atavismo rústico da família sofria nela com trajes que ora se esgalgavam como ânfora, ora alargavam como sino de catedral. D. Eufemia, sua mãe, que declinara nela toda a espécie de vaidade, e tinha a intuição de que os reales na mulher devem ser voluveis como os caprichos, corria as casas de modas a ensaiar figurinos. Mónica soletrava ainda Weber no *beckstein* e já possuía dois vestidos para cada dia da semana. Vê-las na rua, par a par, a menina galantinha e tiful, a velha impertigada no anacrónico e invariável corte, se adivinhava a rutura da costela plebeia pelo dinheiro. Marta oferecia o risco, sempre que se tratava de vestir ou enfeitar a morgada.

—O penteado Botticelli—dizia-lhe ela, depois de perder horas esquecidas a estudar os *Museus da Europa*—fica-lhe muito bem com traje lilaz. A menina tem a face oval como esta madona. Veja que gracioso!

Outras vezes, para vestido de passeio, recomendava o toucado à Velasquez que nimba o semblante de gentil donaire. E, para saraus e teatros, a sua receita eram os penteados ingleses à Gainsborough, leves e espumosos, ou a coifa ondulada à Madame Lebrun, que dá espirito à frente mais prosaica. A tão deliciosos modelos preferia Mónica as tranças escorrendo pelas espáduas, atadas com um laçote vermelho, que pareciam duas papoilas e enchiam seu rosto alvo de alegria campestre. E Fraulein tinha que recolher o mos-

truário de penteados, que analizara e esmiuçara com o paciente requinte de cabeleireira real.

Esta rebeldia ao enfeite singular derivava menos de seu natural bisonho que de seus gostos de singeleza. Mónica herdara a índole do pai, no qual a mesma vontade que o guindara à opulência o mantinha abstémio perante as tentações do fausto como monge que, depois de abjurar, permanecesse fiel ao seu Deus. Era ver-lhe o maxilar pronunciado, mas sem excesso, e o rosto sêco de carnes, mas em tão delectável proporção que Mónica era tida ao primeiro lance de olhos na conta de formosa. Ao contrário da gente de hoje, a que acicata a pressa fisiológica de viver, aos quatorze anos doirava-lhe ainda as têmporas e o pescoço, à raiz da nuca, a penugem loira do berço, e na claridade dos olhos reflectia-se-lhe aquela brandura inestilizável das almas que vogam à superfície das coisas. E não era menos simptomática a testa larga, escantoadada, cheia dum brilho que parecia a marca de candidez dos pensamentos que albergava. Na intimidade sucedia ainda apeiar de tão verdes anos para entrar no leve e efusivo descuido de idade mais infantil. E da rapariguinha elegante o que se mostrava era a prisioneira de todas aquelas coisas que a pupila mágica das crianças transforma de bagatelas em majestosos infinitos. Os contos de fadas, as bonecas de olhos móveis, os peixes vermelhos da Quinta da Rabeca, tudo o que é sagrado pelo bafo das mães e pelo olhar dos anjos tinha assento no seu paraíso.

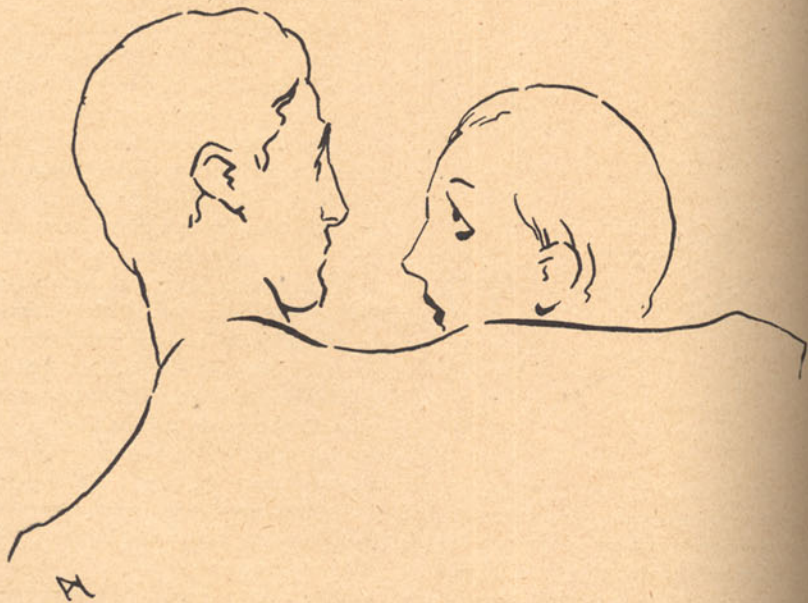
Por volta dos quinze anos de Mónica, os Cótimos tomavam assinatura nos principais teatros e frequentavam com assiduidade as famílias amigas. A poder de tacto a mestra alemã acabara por lavar da lia involvente o

diamantinho de puras águas. Bem que ajoujada de madeixas e saias curtas por uma obstinação aparentemente paradoxal, deixava-se já Mónica tyrannizar pelas costureiras e com prazer seguia as recreações duma terra que tinha pelo supra-sumo de Babilónia.

Perdera, também, o ar de lírio, muito captivo, feito só para mimo dos olhos. E as plateias, mais que o espelho, ensinaram-lhe que era bonita.

No número das suas relações contavam como íntima D. Júlia Maldonado, senhora de rara distinção que devia ter sido formosa em tempos de D. Luís. O marido era architecto e nutria com o Cótimo entendimentos de dinheiro. Tinha ela um sobrinho dado a estudos históricos que, na sociedade pouco numerosa dos investigadores, gozava fama de portento: Pela mão d'êste tornara-se o seu salão prazo-dado de homens de letras, uns em plena voga, outros de cruz às costas, subindo a via gloriosa. Entre os consagrados, tão sagrados alguns que o público os deixava dormir na imóvel beatitude, vinha ali Ricardo Barreiros admirado pela obra e a finura mundana. Homem de meia idade, a julgar pela aparência, tornavam-no singular os olhos de fogo, fascinantes, e os sainetes, ao proferir os quais, no tom da voz e no timbre dos sorrisos, marulhava uma doce inflexão de scéptico. Duas rugas sulcavam-lhe a fronte, estas rugas de criatura que não tem regateado o tributo à vida e deu o melhor do seu sangue à obra de entendimento.

Com êste tentava competir Casimiro da Restituta, mocete fátuo, monoculado, um pé na política, outro nas letras. Bacharel em direito, recomendava-o às donzelas casadoiras o considerável património que o usurário Restituta, com casa de penhores à Esperança,





e repôr estes no seu vero plano. Ao cabo de oito dias, porém, numa voz mimalha de cega-rega, torturava os pais com desejos de regresso. Foi neste estado de espírito que, uma tarde, ao percorrerem os Trianons, se lhes deparou Ricardo Barreiros que vagueava, longe do presente, por entre os esplendores dos estilos reais. Desde esse instante ficou o escritor o guia deleitável dos Cótimos. Mónica recuperou saúde e alacridade; ao voltarem de França chilreavam-lhe na voz todos os jacundos passaros dos bosques e tingia-lhe a face a alegria rubra das primaveras. Um mês não era decorrido, os Cótimos encontraram-se diante do leito intacto da filha; maquinalmente avistaram pela janela os espaços livres, aqueles espaços por uma fimbria dos quais ela passara. Estava uma belha manhã de rosas, e desataram a chorar em desesperado e convulso choro a perdida luz dos seus olhos.

lhe deixaria por morte. O Casimiro vestia como um peralta dos tempos de Farrobo e recitava versos langorosos de sua lavra, que faziam estremecer a passarinha romântica das damas. Embora o vate fôsse mais solícito para Mónica do que Barreiros, era ouvindo este e na sua presença que se deliciava.

—Tenha cuidado com este Ricardo Coração de Gibóia — disse-lhe Restituta ao ouvido, certo dia que, embevecida, escutava ao feiticeiro uma história da carochinha.

De facto, ela ouvia-o presa das suas palavras, alheia ao resto do mundo, e corou.

Naquele inverno representou-se com extraordinário êxito a *Vereda da Onça*, de Ricardo Barreiros. Esta peça, em que os críticos se esfalfaram a celebrar o advento em terra lusa do teatro de tese, era a vigorosa e emotiva defesa do homem trabalhado por um sonho e do qual a restante vida decorrera no escuro e irregular. A *Vereda* era a marcha rígida, inflexível, que o apóstolo se traçara e seguia de olhos fechados a tudo o que ficava em volta. Mónica foi ao *D. Maria* e voltou de lá perturbada com a vibrátil e ardente inspiração da comédia.

Leu a obra de Barreiros e começou a deixar-se tomar de melancolia.

Passou aquele inverno entre excessos de júbilo e de tristeza, olheirenta e com insónias, lendo, lendo noite e dia, mostrando-se apenas pressurosa em correr às quintas-feiras de Júlia Maldonado, a que não faltavam os escritores da moda. E, como entrasse a primavera, os Cótimos fizeram as malas e abalaram para Paris a distrair a menina.

Ante usos, costumes e coisas da terra desconhecida, a morna apatia de Mónica evaporava. A leitura tinha-lhe tornado familiares certos aspectos, deformado outros, e era-lhe agradável, *de visu*, corroborar aqueles





TABOA DÉCI MA QUINTA

BARBA—Em campo de prata, uma cruz florenciada e vazia de negro, circundada por dois ramos de era de verde, unidos em ponta e no meio do chefe.

TIMBRE—Meio mouro barbado, vestido de verde, fotado de prata e vermelho, com as mãos cruzadas sôbre o peito.

D'argent à une croix florencée et vidée de sable, circondeée par deux rinceau de lierre de sinople, unis en pointe et au milieu du chefe.

CIMIER—Demi maure barbu, paré de sinople, tortillet d'argent et de gueules, les mains croisées sur la poitrine.

BARBA—Em campo de oiro uma cabeça de moiro barbada, fotada de prata e vermelho, e um braço de carnação da esquerda pegando na barba do moiro.

D'or, à une tête de maure barbue, tortillée d'argent et de gueules, et un dextrochère de carnation mouvant de sénestre et serrant dans sa main la barbe du maure.

BARBAÇA—Em campo de oiro 5 cutelos de vermelho postos em sautoir, o gume para a ponta.

TIMBRE—Uma águia sainte de vermelho, bicada de oiro, carregada de um cutelo de prata sôbre o peito.

D'or, à 5 doloires de gueules mises en sautoir, leur tranchant ver la pointe.

CIMEIR—Une aigle issante de gueules, becquée d'or, chargée d'une doloire d'argent sur la poitrine.

BARBALONGA—Em campo de prata, uma espada de vermelho guarnecida de oiro, posta em faxa, acompanhada de cinco fôlhas de figueira, de verde, 3 alinhadas em chefe e 2 no contra-chefe.

D'argent, à une épée de gueules garnie d'or, posée en faxe, accompagnée de 5 feuilles

de figuier de sinople, 3 rangées en chefe et deux en pointe.

BARBATA—Em campo vermelho uma banda de prata acompanhada de 10 vieiras de oiro realçadas de prata, 5 em chefe e 5 em ponta, postas em sautoir.

TIMBRE—Dois troncos esgalhados de oiro, sombreados de azul, passados em aspa com 5 vieiras do escudo pendentes do meio e das extremidades.

De gueules à la bande d'argent accompagnée de 10 coquilles d'or chauffées d'argent, 5 en chefe et 5 en pointe, posées en sautoir.

CIMIER—Deux troncs écotés d'or, ombrés d'azur, passés en sautoir, et 5 coquilles de l'écu pendantes du milieu et des bouts.

BARBATO—Em campo vermelho uma banda de prata entre dois leões de ouro.

TIMBRE—Um leão do escudo, sainte.

De gueules, à la bande d'argent cotoyée de deux lions d'or.

CIMIER—Un lion de l'écu, issant.

BARBEDO—Em campo de prata 5 estrêlas de 8 pontas de vermelho, postas em sautoir e bordadura de azul.

TIMBRE—Duas espadas de prata, guarnecidas de oiro e empunhadas de azul, passadas em aspa, as pontas para baixo.

D'or à 5 étoiles de 8 rais de gueules, posées en sautoir, et à la bordure d'azur.

CIMIER—Deux épées d'argent, garnies d'or, leur poignées d'azur, passées en sautoir, les pointes en bas.

BARBEITA—Em campo de prata, uma árvore de verde, enterrado de verde, e uma cabra de vermelho passante em frente da árvore.

TIMBRE—A cabra do escudo saltante.

D'argent à une arbre de sinople terrassé du même, et une chèvre de gueules passant devant l'arbre.

CIMIER—La chèvre de l'écu, saillante.

BARBERINO—Em campo azul três abelhas de oiro.

D'azur, à trois abeilles d'or.

BARBOSA—Em campo de prata uma banda de azul, carregada de 3 crescente de oiro, e ladeada de 2 leões afrontados e trepantes, de purpura.

TIMBRE—Um leão sainte de purpura, armado de prata.

D'argent, à la bande d'azur chargée de 3 croissants d'or, et côtoyée de 2 lions de pourpe, affrontés et grimpints.

CIMIER—Un lion issant de pourpre, armé d'argent.

BARBOZO—Em campo azul 5 vieiras de prata realçadas de negro, postas em sautoir.

TIMBRE—Um encontro de touro de prata, armado de oiro, com uma vieira de azul na testa.

D'azur, à 5 coquilles d'argent rehaussées de sable, posées en sautoir.

CIMIER—Un rencontre de tourneau d'argent, acorné d'or, chargé d'une coquille d'azur sur le front.

BARBUDA—Em campo de oiro 9 lisonjas de veirado, de prata e vermelho, postas 3, 3 e 3.

TIMBRE—Um urso sainte de negro, entre duas penas de pavão de verde, realçadas de oiro.

D'or à 9 losanges de vairé d'argent et gueules, posées 3, 3 et 3.

CIMIER—Un ours issant de sable, accolé de deux plumés de paon de sinople, rehaussés d'or.



Sabem o que impede o progresso da civilização em terras africanas? Um simples insecto que não chega a ter o tamanho de uma polegada...

A África, tão grande como a Europa e a América do Norte combinadas, tem completamente deserto um terço do seu território. O resto, uma área extensíssima, está sob o domínio da mosca Tsé-tsé, uma trágica mensageira da morte para homens e animais.

Há na África, aproximadamente, 180 milhões de negros e cerca de cinco milhões de brancos. Mas uma descrição verdadeira das terras africanas deverá abranger toda a região que vai do Cabo da Boa Esperança às bocas do Nilo e de Aden, a este, e Cabo Verde, a oeste. Essa descrição deverá mostrar o grande desenvolvimento dos gados lanígeros na África do Sul, e as plantações de cana de açúcar, de algodão e árvores frutíferas, na costa sudoeste. A oeste, encontram-se os campos diamantíferos de aluvião. Pelo centro da África estendem-se as minas de diamantes, de ouro, carvão, cromio, asbesto, platina, chumbo, zinco e cobre.

Nas regiões intermédias há as grandes manadas de gado, os campos de legumes, de grãos e de tabaco.

Da costa oeste, próximo do norte do Equador, vêm o mogno, a pimenta, o côco, o carvão, a arfim, borracha, estanho e couros. Da costa este, chegamos ao café, o cravo de espécie, fibras textis, o melhor algodão do mundo, as leguminosas e a cêra.

Desde o advento dos brancos ao território africano a raça negra aumentou espantosamente em número e riqueza. Antigamente, as suas aldeias e campos de cultura estavam escondidos em longínquas paragens, lá onde as incursões não poderiam alcançá-los e destruí-los. Hoje, as palhotas dos negros estão rodeadas de acres e acres de granzóis, campos de abóboras, de ervilhões e de mandioca.

Os rebanhos de cabras e carneiros são numerosos. Cada aldeia tem, pelo menos, vinte bois e cinquenta carneiros e cabras. E há aldeias com dez milhas de circuito, no planalto africano.

Como esta tremenda população de negros, de gados, carneiros e cabras, está crescendo continuamente, aonde achará ela o campo necessário para a sua existência? Aonde irá o branco pôr em prática todos os seus projectos de grande irrigação, estabelecer as suas plantações de algodão, os seus vergeis e pomares, os seus campos de gados? Acabarão os brancos por eliminar aqueles milhões e milhões de negros? A raça negra, pelo contrário, irá triunfar da raça branca e desenvolver a África como simples terra privativa do homem negro? Ou fundir-se hão negros e brancos numa só raça escura à qual caberá depois o domínio das riquezas de tão vasta região?

Estas perguntas e competentes respostas dependem, talvez, directamente, da mosca Tsé-tsé. A não ser que se descubram os meios de exterminar semelhante flagelo, ou de, pelo menos, impedir as doenças que esse pequeno insecto causa, a questão da posse da África está afastada da tela da discussão por muito tempo.

Tanto a doença do sono como a «nagana» são, como já dissémos, causadas pela Tsé-tsé. Ambas provêm do mesmo organismo: uma afecta somente os seres humanos; a outra mata todos os animais domésticos.

A mosca Tsé-tsé, da qual se conhecem umas dezenove espécies, todas elas de origem etíópica, actua simplesmente como veículo mecânico dos germens da doença. Podê-las hemos comparar ao mosquito anopheles, da malária. As moscas Tsé-tsé sugam os aludidos germens quando mordem qualquer criatura para obter a sua ração de sangue. Mais tarde, ao morder outras criaturas, injectam-lhes um fluido irritante, que lhes faz borbotar o sangue da pele. Com esse fluido irritante vão os germens da doença. Estes, que, como dissémos, originam a doença do sono e a nagana, pertencem ao vasto mundo de organismos microscópicos a que se chama trypanosomas, e constituem uma divisão da grande família dos protozoários.

A mosca Tsé-tsé não põe ovos. No abdome da fêmea choca-se um único ovo e a larva é alimentada pela secreções de certas glândulas. Quando a crisálida está inteiramente formada, a mosca Tsé-tsé espulsa-a do abdome para um montículo; a larva fura imediatamente o solo e aí a pele endurece-lhe, torna-se castanha es-

TSÉ-TSÉ OU A MOSCA DA MORTE



por
WYNANT
DAVIS
HUBBARD

DE COMO UM SIMPLES INSECTO PÕE EM CHEQUE O PROGRESSO DE TODO UM CONTINENTE

cura, a ninfa adquire a forma oval com duas bossas na parte posterior e diferindo um pouco conforme as espécies da mosca.

Depois dum período variável do casulo da escuro surge um insecto perfeito: a Tsé-tsé definitiva. Por meio dum aparelho apropriado que tem na cabeça, a mosca abre caminho até à superfície do solo. Uma vez aí a mosca trepa para um pedúnculo de herva ou para um rebento qualquer e estende para baixo as asas para que elas atinjam toda a sua expansão e se robusteam.

Estamos então na frente duma Tsé-tsé completamente desenvolvida. Se a apanharmos, matarmos e a submetermos a um maduro exame microscópico veremos que está por completo virgem de trypanosomas. Por outras palavras: ainda não apanhou os germens; os trypanosomas são transmitidos pelo adulto hereditariamente. Contudo um estudo mais apurado dos primeiros tempos de vida da mosca colocou em plena luz diversos pormenores por demais interessantes.

Em primeiro lugar sabemos que a mosca Tsé-tsé é uma poedeira muito medíocre: não é como a mosca doméstica que produz milhares de ovos. Em segundo lugar o cuidado com que a fêmea escolhe o lugar para onde espulsará a larva mostra que o montículo tem de ser de certa importância. Só uma porção de esturme leve, areia fina ou humus vegetal parece conveniente. A proximidade da água parece ser uma das condições necessárias.

Estas duas verificações deram origem a duas perguntas: Sendo a mosca Tsé-tsé uma poedeira medíocre não seria possível achar um parasita qualquer que a destruísse, senão totalmente pelo menos na sua maioria? Mas, estudos feitos cuidadosamente mostraram não existir tal baranta. Foi encontrado, é certo uma substância química que ataca as ninfas mas a sua acção é tão minguada que se torna quasi inútil.

O facto de a mosca depositar as suas larvas em montículos adrede escolhidos sugeriu o eliminar-se semelhantes depósitos, ou então a criação de lugares artificiais para postura os quais pudessem ser examinados em períodos certos matando-se então as larvas. Até à data tem sido este o único método realmente práctico para diminuir o número de moscas. Mas, semelhante método em verdade não passa de uma tentativa para se encontrar outro remédio mais radical e só pode ser aplicado em lugares especificados aonde o sucesso da sua aplicação justifique o trabalho e as despesas que acarreta.

Fôrça é pois voltar ao estudo da história da vida da própria mosca na esperança de que alguma coisa venha a descobrir-se que nos possa ajudar na exterminação de semelhante flagelo. Sabe-se que a Tsé-tsé se encontra sempre em estreita associação com a caça grossa, particularmente com os búfalos, o antilope sitatunga e o elefante. Este facto sugeriu que, tirando a mosca em referência o seu sustento do sangue, provavelmente os trypanosomas viriam de alguns, senão de todos os animais sobre os quais a pouca para extrair sangue. Como tal suposição se radicasse no espírito de alguns indivíduos, pedir-se a vários governos permissão para

destruir a caça nas áreas infectadas. Julgava-se que assim se conseguiria impedir o ciclo da vida dos trypanosomas ou matar a mosca à fome.

Por felicidade os governos para os quais se apelou eram compostos por indivíduos bastante atilados. Entre a necessidade de limpar certas áreas aonde domina a Tsé-tsé e a total exterminação duma fauna esplêndida, os aludidos governos — depois de um ou dois ensaios de montaria — hesitaram e por fim resolveram dispensar os caçadores... E enquanto esses governos tomaram semelhante resolução, sucedeu que o dr. G. D. Hale Carpenter, ao tempo estudando as ilhas infestadas do Lago Vitória, provava que a mosca tsé-tsé extraia o sangue mais dos não-mamíferos do que dos próprios mamíferos. Provou também que uma das fontes do trypanosoma era o antilope sitatunga, ao mesmo tempo que cuidadosas análises do sangue contido no estômago de milhares de moscas Tsé-tsé mostrava que os lagartos, as cobras os crocodilos e outros reptis é que forneciam a quasi totalidade do sangue bebido pelo mortífero insecto.

Esta descoberta mostrava que a total exterminação da caça grossa, mesmo que fosse possível, de nada serviria contra a Tsé-tsé, dado o facto de esta pouco se servir de semelhantes animais. Exterminar os não mamíferos duma região era impossível. Os lagartos de várias qualidades são tão numerosos como as folhas, isto para nós não referirmos a sapos, cobras, rãs, crocodilos e outros reptis.

É minha convicção que a Tsé-tsé e a caça grossa vivem nas mesma regiões não porque o mortífero insecto precise da aludida caça mas muito simplesmente porque esta adivinhou ser a área da Tsé-tsé a única em que poderia viver um pouco mais segura de si. Os caçadores não gostam, é claro de entrar numa região infectada pela nagana, em virtude do perigo de serem continuamente mordidos e ainda porque lhes é impossível utilizar cães, cavalos, burros, mulas ou gados de transporte. Nenhum homem, a não ser um cientista, entrará conscientemente numa área infectada pela doença do sono. Além disso os governos sob cuja jurisdição se encontram as terras aonde se desenvolvem a referida doença costumam estabelecer um cordão sanitário em redor delas para impedir — mesmo pela força se assim fôr preciso — que alguém lá penetre.

A acção do homem na Zululândia, na Uganda, no Congo e no nordeste da Rodésia apurou já toda a história da vida da Tsé-tsé e a sua ligação com a doença do sono e a nagana. Provou-se sem haver a menor sombra de dúvida que os germes da doença do sono se encontram no sangue tirado pela mosca ao antilope sitatunga.

Muitos médicos e outros dedicados homens de sciência deram a sua vida em holocausto antes que estes factos fôssem definitivamente apurados. Embora a Tsé-tsé nem sempre transporte consigo a doença, o certo é que ninguém pode ter a certeza de sair com vida da região por ela infestada.

Os médicos alemães que operavam no vale de Loangua a nordeste da Rodésia foram os primeiros a descobrir o remédio conhecido sob o nome de Baer 205. Tempos depois os médicos franceses melhoraram a fórmula alemã e conseguiram curas muito mais importantes. Mais tarde o dr. Luis Pearce, do Instituto Médico Rockefeller, e que operava no Congo, descobriu um terceiro remédio.

Muito se sabe e se progrediu já pelo que respeita a doença do sono. Em contraposição pouquíssimo se conhece, relativamente à nagana. E compreende-se: a doença do sono no homem é mais importante do que nos animais: quando ela apareceu no Lago Vitória os negros começaram a morrer aos milhares e milhares. Aldeias e aldeias foram totalmente dizimadas e por toda a parte, numa extensão de muitas milhas só se viam palhotas podres e campos de cultura abandonados. Semelhante e tão horrível epidemia atraiu a atenção pública e constituiram-se logo missões sciencíficas para estudar e resolver o momentoso problema.

Até à data presente não se conseguiu encontrar o meio eficaz de impedir o perigo mortal da tsé-tsé. Mas a sciência ainda não perdeu as esperanças de conseguir solucionar um problema que é vital para o futuro da África.

(Anglo-American N. S. Copyright).



Há meses, numa tarde morna de primavera, num grupo de amigos que lhe faziam roda, o doutor Coelho de Carvalho conversava como êle sempre conversa, voando de um assunto a outro, intercalando anedotas, folheando o passado, trazendo a lume casos ignorados ou esquecidos.

Respondendo a nossa negativa cheia de interrogações o doutor Coelho de Carvalho contou a mais saborosa anedota que nos foi dado ouvir e que é talvez a mais pitoresca página da história, ainda por fazer, da nossa colonização ultramarina.

* * * * *

Tínhamos falado de tudo. De nigromância, de filosofia, de tremores de terra e de medicina.

Por último caímos em pleno símbolo. Dos mitos gregos chegamos à linguagem das flores e destas à carne e à couve do Duque de Bragança D. João.

De repente o doutor interroga-nos:

— A respeito de símbolos, de ritos e de de nigromância, sabem vocês qual foi uma das grandes atrapalhações da minha vida oficial?

Há cinqüenta anos exercia o dr. Coelho de Carvalho o lugar de governador em um distrito norte da Província de Angola. Como bom português havia posto no desempenho do seu cargo todo o tacto e boa vontade necessárias para o maior estreitamento de relações com o gentio. Queria êle continuar proficuamente a obra de ocupação definitiva então apenas principiada e débilmente mantida. Mal, porém, começara a executar o plano concebido morreu o Soba e, portanto, mister se tornava criar novas influências junto do sucessor dinástico do defunto.

Todos sabem que os pretos, antecipando de séculos as teorias do europeu Strinsberg, entregam a sucessão não ao filho do soba (que pode não o ser...) mas ao filho da irmã do soba que em boa verdade lhe pode continuar o predomínio da raça.

Era, portanto, com o sobrinho do régulo que o doutor tinha que haver-se.

Quando das visitas de condolências surgiu uma dificuldade diplomática, a mais grave, a mais patusca, a mais tétrica e macabra das dificuldades diplomáticas!

* * *

Para que o sobrinho do Soba fôsse pelos seus vassallos tido como digno sucessor dos



seus maiores, tinha que praticar o rito... Era obrigado a cumprir a cerimónia principal da aclamação, isto é, tinha... de comer em um banquete oficial a perna do tio. Não é figura de retórica. É assim mesmo. Sem comer a perna do tio, o jovem preto não teria nunca no alto da carapinha a sua corôa de cêra molhada.

Isto era grave. Ordem expressa do governo português proibia para todo o sempre o acto de canibalismo. Crenças profundas da gente negra impediam a sagração do novo soba sem a pitaça da côxa ancestral.

*
* * *

E, para isso, apenas verificada a morte, o feiticeiro tinha chegado ao pé do defunto e, feita a incisão, havia desarticulado a perna destinada ao banquete.

Sem aquela comunhão macabra, o novo soba não conseguia respeito nem obediência. Um uso de séculos fazia lei. Era um caso grave. Da metrópole, as ordens eram severas e explícitas.

— Nada de antropofagia, clamava em Lisboa o ministro.

Sem comer carne de soba não haverá outro soba, gritava o ritual gentílico, mais severo no seu protocolo que o da própria côrte de Austria.

O soba tinha ido a enterrar mas a perna lá estava cortada e de fumeiro entregue à guarda do feiticeiro-chefe.

Os dias iam correndo e a tribo impacientava-se.

*
* * *

O doutor era quotidianamente atacado pelos magnates africanos, que lhe pediam licença para o jovem rei poder roer litúrgicamente o presunto *tiológico*.

Os pretos mais nobres da côrte murmuravam. O prestígio português abalava-se. Os povos insubordinavam-se pela falta de chefe. O governador parafusava. Uma noite, como

um raio de luz divina uma idea relampejou-lhe no crânio.

— E se eu...

*
* * *

Sim, era isso. Mal luziu a manhã, Coelho de Carvalho chamou os magnates. Explicou-lhes o que era um símbolo. O símbolo era como os manipaços, valia a divindade. Ora se os manipaços eram de pau e valiam o Deus porque não podia uma perna de massa de pão valer a outra, a de carne, a do Soba?

O missionário, que era ao tempo o P.^e José Sebastião Neto, que depois foi Cardial Patriarca de Lisboa, ajudou a convencer ministros e feiticeiros da côrte e foi marcado o dia do banquete. Chegou este e, por fim, a hora solene do assado. Da cozinha avançou um tableiro enorme onde a perna do soba avultava e reluzia de mólho. O jovem soba comeu e foi logo investido na realeza aos olhos de todo o gentio, pois real e públicamente havia roído o pitêu de família, continuando assim em carne e em espírito a dinastia real.





Esclarecendo, o doutor Coelho de Carvalho conta-nos que foi difícil ao cozinheiro dar à massa tenra, tôda ela tendências para aloirar, a côr sombria da perna do preto já negra do fumeiro e encorreada das salgas contínuas. Um trato esperto de fôrno conseguiu o negrume requerido.

E aqui têm os leitores uma bela história de símbolos, que é também a narrativa pitoresca dum passo dos mais graves na história da nossa colonização africana.

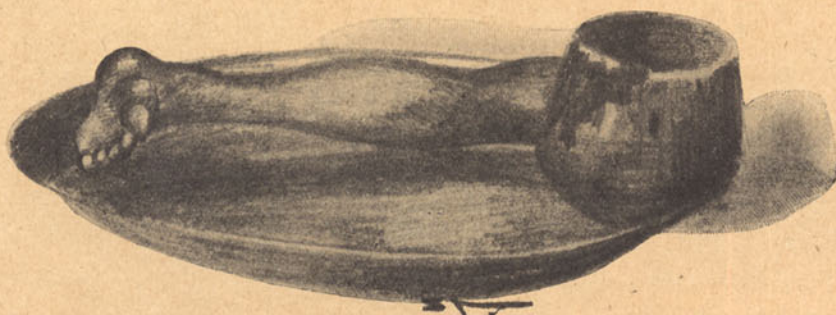
Que teria havido se o soba não tivesse comido a perna de massa assada no fôrno do governador?

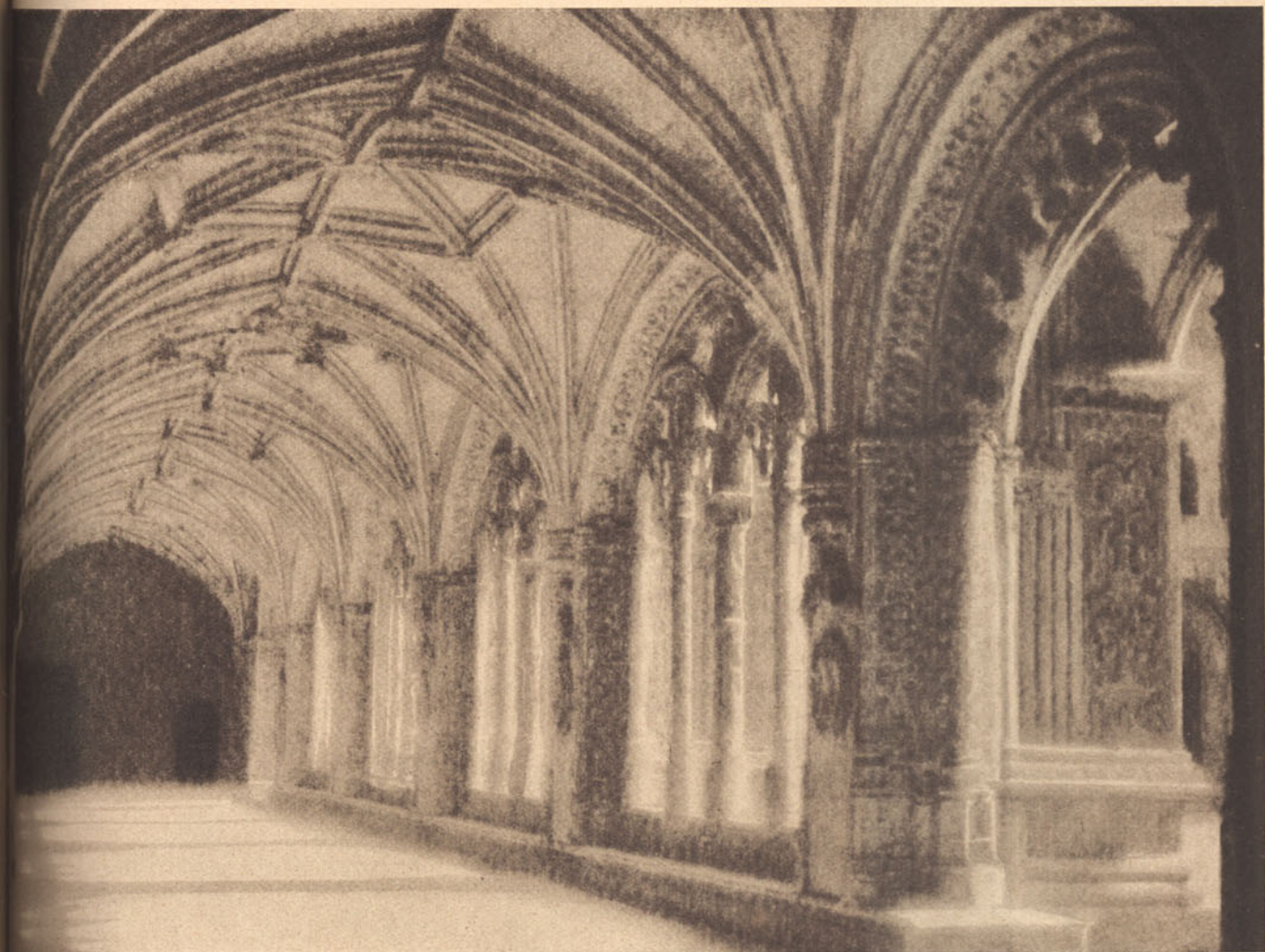
Por muito menos começou a guerra de Tróia, e, já quási em nossos dias, a revolta dos cipaiois não teve como causa primária o desrespeito dos ingleses pelas crenças india-

nas? Não foi o cabo que preservava os cartuchos a razão principal daquela terrível sangueira?

Não só com ferro se dominam povos; às vezes a massa tenra produz grandes efeitos, como no caso presente.

CASTELO DE MORAIS.





CLAUSTRO DO
CONVENTO
DOS JERÓNIMOS



FOTO DE ARTE DE
HORÁCIO NOVAIS



Algo passou pelo mundo, comovendo tôdas as suas bases. Pelo velho mundo da guerra europeia. Uma sevandija deslizando por entre os escombros moventos de cadáveres, assoma a cabeça, que é uma coisa não conhecida ainda em nenhum bazar do Universo, e o espectáculo confrangedor da pobre Europa, enlouquece-a bruscamente num grito acre e sonoro: Charleston! Que gritou ela tão aguda, tão fascinadamente? Charleston!!

As pobres terras calcinadas, da última epocha europeia, tão espremidas como estão, tão exaustas, ouviram: qualquer coisa distinta àqueles quatro anos rodados de máquinas férreas. Isto que grita uma sevandija, assomada aos monturos europeus, não é romântico, nem clássico, nem parisiense, nem vic-

JOSEFINA BAKER

nense. É: Charleston!! Ao princípio parecia que todo os povos reais do planeta tinham subido às espadanas dos jardins, fazendo gorgear em unísono as suas gargantas auríficas; mas não: eles foram arrebatados também pelo ritmo insolente, que lançara a sevandija, no próprio centro daquela grande câmara fúnebre que era a Europa de então.

Subía dos campos um fumosinho frio de fazendas desvastadas. E a sevandija gritava: Charleston! Em cada escaninho do firmamento tinha-se refugiado uma lágrima evaporada, e cada coração, era uma cokteleira vazia após quatro anos de liquidação emotiva: Charleston!! Charleston!! Como devia ressoar este estridente grunido na medula das roseiras silvestres, no pólen das orquídeas, no trote das éguas de luxo, na adega dos Benedictinos, na calva dos magistrados, nos dedos das mecanógrafas! É claro que os asmáticos arranha-ccus, ele-



BAKER

vando-se por entre a névoa, foram os primeiros a bailar e, lá acima, buscavam-se uns aos outros, beijando-se nas bocas das suas agulhas das grafonolas, a ferrugem das chaminés, e o catecismo esquecido sobre uma console do salão, todos receberam no íntimo a chicotada flagrante de esquizofrenia. Charleston!

Os frascos de essência das vitrines parisienses, a *embrayage* dos Renaults e dos Studbakers, as camisas de seda dos toureiros, a boa sopa quente dum serralheiro bretão, o ninho da cotovia, os tacões Luís XV constelados de pedras, os lilazes que florescem nas margens do Danúbio em Budapest, no dia de S. Filipe Nery, os hotéis confortáveis, mas de segunda ordem, as graciosas agulhas das grafonolas, a ferrugem das chaminés, e o catecismo esquecido sobre uma console do salão, todos receberam no íntimo a chicotada flagrante de esquizofrenia. Mas a Rússia fechou as portas das suas fronteiras. O soviète não se deixava enganar pelo velho Ocidente. Falar-se-hia muito de espírito são, de primitivismo, de salto atrás,



de volta ao regaço da natureza. Puf! Como aquilo cheirava a podridão burguesa!

Efectivamente, da árvore refinada da civilização acabava de cair com um hórrido estrago de jazz o fruto bem maduro, o fruto já chôcho: uma negra cultivada: Josefina Baker.

Mas, como? Que quer o amigo dizer-nos? Vejo como assomam a cabeça estupefactos, os filósofos da história, os racionalistas, os científicos, os tradicionalistas ortodoxos... Sim, conheço tôdas as objecções que me podem fazer: o tratado de Westfalia, a lírica de Vergílio, o seisma do Ocidente, o escândalo de Hernâni, as seitas maçónicas, o fusilamento de Maximiliano, a heresia albigenense, o pan-eslavismo, o atropêlo germânico





de Baker eram feitas de cultura secular e o grito de Charleston na sua boca não era senão a espuma irisada da liquidação duma época.

Mas chegou um momento em que a humanidade, ao desprender-se tódas as noites do seu sistema nervoso o encontrava cada vez mais avariado até. Pareces-lhe um farrapo; e o mais terrível era ter de o encafiar tódas as manhãs com tódas as neuronas e os gânglios e as fibras num estado verdadeiramente lamentável.

Josefina Baker, porém, tinha-se escondido num canto com uma caterva de garotos, e um gato, dois coelhos, dois periquitos, uma cabra e um peixe. Aquela cova chegaram os Reis Magos do dia. Deram-lhe uma pérola

da Bélgica, o Darwinismo com todos os seus derivados, a tetralogia de Wagner, Robespierre, as sufragistas inglesas... Mas eu acolho-me aos factos vivos: Sim, não resta dúvida de que tódas essas fases da gravidez histórica não tiveram outro objectivo que dar à luz, opondo-se ao silêncio idiota das constelações, a negra excelsa. Mas, pelo amor de Deus! não há motivo para essa cara de espanto! As coisas iam de cada vez pior, e, afinal de contas, o resultado não foi tão desastroso como se pensa. Os senhores conhecem a Josefina Baker? É uma coisinha que dança. Maravilhoso, acreditem. Porque a civilização, na verdade, produziu seres excepcionais, mas que terríveis cargas não lhes impôs para lhes oferecer, por fim, como trofeu, uma pentinha de glória!

Josefina Baker! Nem discorre, nem sabe coser, nem creio que saiba rezar. Alguém, que é «alguém» numa época em que cada qual se propõe ser alguma coisa. Quando caíu da sua rama, último fruto da árvore da ciência — um precipitado químico côr de pelica para luvas — viu que já estava tudo feito. Pôs os olhos vesgos por capricho e com uns fiosinhos de telegrafia sem fios começou a enroscar colares; convenceu-se então de que tudo era mentira e detrás dum penhasco pulido levantou o grito: Charleston! Não era um grito superficial; era um grito novo, mas não de snobismo. As vísceras



muito grossa, um automóvel de pele de serpente e uma imponente caixa de bombons. Ela teve um cólico de bombons, perdeu a pérola oculta debaixo de algum móvel e foi-se esbarrar com o automóvel de encontro a um taipal de frades cistercienses. Na América, na França, em Inglaterra, na Austria, todos diziam: Josefina Baker, Josefina Baker, Josefina Baker...

Trouxeram-na à Espanha, que já não ficava na Europa. A muitas senhoras gordas, honradas espôsas de coroneis, de governadores, de presidentes de Audiência, intoxicaram-se-lhes fervorosos soluços de protesto. Os estabelecimentos de venda de objectos de cera fizeram as suas liquidações com *superavit*. As Damas Catequeistas precisaram da assistência médica. Mas, nos cinematógrafos, os namorados continuavam beliscando-se.

A-pesar de tudo, eu vi a Baker. Agradou-me muito. Não me fazia lembrar absolutamente nada. Com que prazer não lhe passaria o dedo pelas costas, seguindo depois a linha da anca, passando à perna até ao tornozelo.



Não sei porquê. Tinha a sua pele emoção de tacto, de qualquer coisa muito cara. E quando a vi pela segunda vez, como já sentisse por ela muita simpatia, tive um momento de tristeza. Sim, porque pensei como o mundo lhe ia devolver o prazer recebido. Aquela sevandija pintada tinha pulsado a karpa de fibras da Velha Europa. Tinha-lhe arrancado os últimos sons. Tôda a sua biologia travessa fôra posta ao serviço da causa: fazer rir a tristonha Europa. Mas aquela coisa, quem a compraria depois? Por quantos milhões? E, se assim fôsse, onde guardá-la para sempre?

Pior ainda: — onde ia morrer esta mulher... Mulher?

Mas o que mais graça tem é que Josefina Baker não é nem sequer uma negra, mas uma mulher como tôdas, e cabe-lhe ainda a esperança de que, com o tempo, tôdas as mulheres venham a ser como ela; nesse caso, as Damas Catequeistas iriam nuas pela rua realizando uma verdadeira obra meritória: distribuir entre as criancinhas pobres as bananas dos seus cinturões e colares.

1930.

JUAN GIL ALBERT.

MONTAIGNE

E OS

PORTUGUESES

Miguel de Montaigne, êsse príncipe da prosa quinhentista, deu a volta ao mundo intelectual do seu tempo. Falou de tudo, emitiu juízos graves sobre as idéas e as coisas com a audácia esplêndida, soberba, de que os sábios, em sua prudência infinita, raras vezes usam. Como todos os grandes do Renascimento, possuía Montaigne uma cultura espantosa: lera os clássicos de ponta a ponta, embrenhara-se como um sibarita nos labirintos da filosofia e roubara às línguas mortas seus segredos sinuosos. Mas sua ciência era talvez mais vasta que profunda: o seu contemporâneo Francisco Rabelais excedia-o porventura em erudição, se bem que, como filósofo e como artista, lhe ficasse atrás. E é sobretudo como filósofo e como artista que o autor scintilante dos «Essais» marcou o seu altíssimo lugar na literatura da França e do Mundo.

No domínio da história mais do que em nenhum outro, se revela a amplitude dos conhecimentos de Montaigne e também, por vezes, a sua superficialidade. Não há recanto de terra conhecida do século XVI, sobre cuja natureza e sobre cujos homens passados ou coevos êle não aventure, em sua febre enciclopédica de verdadeiro renascente, uma nota ou um comentário. Discorrendo sobre a China, Marrocos e o Perú, não é para estranhar que haja também arriscado meia dúzia de considerações conspícuas e sizudas acerca de Portugal e dos portugueses. E é interessante ver de que maneira Miguel de Montaigne falou de nós...

Nas breves notas fugitivas, que sobre as coisas lusas rabiscou, mostra Montaigne uma leviandade considerável. Os grandes homens dos nossos pergaminhos nacionais, ou os ignora tranquilamente, amortalhando-os no silêncio, ou, se a êles se refere de corrida, é para os diminuir, para calar o bem que fizeram ou dizer com ironia o mal que por vezes não fizeram... Para êle, o Infante D. Henrique, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama não existiram — ou foram esquecidos escandalosamente pela sua pena, caprichosa como uma mulher. E outras figuras universais, saídas do seio da nossa terra, apenas lhe merecem, por desfastio, um sorriso breve ou a garatujá duma anedota... E essa injustiça de Montaigne para com Portugal e as suas glórias parece-nos ainda mais indesculpável se considerarmos que êle contou entre os seus mestres o grande humanista português André Gouveia. E talvez André Gouveia o único homem da nossa raça que logra captar as boas graças e o carinho do prodigioso estilista. Falando das escolas do seu tempo, Montaigne afirma que Andreas Goveanus — assim lhe chama, como perfeito latinista — era «o maior principal de França». Mas — coisa curiosa! — esqueceu-se êle de dizer que Gouveia era um português.

O facto mais antigo da nossa história, a que Montaigne alude, é a batalha de Aljubarrota, a que, estropiando-lhe a grafia, chama... Juberoth! E para que fala o ensafista perigordino de Aljubarrota? Para celebrar o maravilhoso feito português ou a figura de bronze de Nuno Álvares? Não! Apenas para citar o nome sem brilho de João I de Castela, o derrotado, e para reproduzir uma historietta absurda, narrada por Froissart, segundo a qual o Conde de Foix, então no Béarn, teve conhecimento da vitória portuguesa no dia seguinte ao da peleja, como se, no tempo dos Valois, já a telegrafia devorasse em horas centenares de léguas...

Refere-se Montaigne a D. João II e a D. Ma-

nuel I, não para exaltar a epopeia dos descobrimentos, cujas melhores estrofes se escreveram sob o signo destes dois monarcas, mas para os criticar azedamente pela sua atitude para com os judeus. A D. João II, acusa-o de explorador mesquinho e de usurário trapaceiro; a D. Manuel, incrimina-o de crueldade e de desumanidade para com os filhos de Israel, pintando com cores violentíssimas alguns episódios então ocorridos e exagerando singularmente



O Senhor de Montaigne, segundo uma pintura da época

as responsabilidades do soberano expulso da judiaria nos excessos praticados pelos seus oficiais. É curioso notar como Montaigne toma a peito os dissabores acontecidos aos descendentes de Abraão. António Sardinha, num dos seus admiráveis livros póstumos, faz idêntica observação a respeito de Camilo. Acaso teria Montaigne, como o autor das «Novelas do Minho», ascendência israelita? Talvez. Pretendem alguns biógrafos do extraordinário prosador que sua mãe pertencia a uma família de cristãos novos portugueses. Montaigne, cuja nobreza, por êle tão alardeada, era, segundo parece, de freixa data, nunca falou de sua mãe, embora esta lhe sobrevivesse. Seria por melindres de ordem nobiliárquica? Assim é de crer. De resto, até o escrupuloso crítico Gustavo Lanson se faz êco desta hipótese. Se ela fosse verdadeira, estaria explicada a simpatia de Montaigne pelos judeus errantes, varridos do solo ibérico pelos Reis Católicos e pelo Venturoso — e, além disso, verificar-se-hia algo de interessante e de lisongeiro para nós: a existência de seiva lusitana na árvore genealógica misteriosa do grande clássico francês, tão pouco amigo das nossas coisas...

No seu originalíssimo ensaio sobre os canibais, Montaigne fala do Brasil, não para honrar a glória de Pedro Álvares Cabral, mas simplesmente na intenção de se referir a um obscuro navegador francês, Villegaignon, que, tendo aportado em 1557 a uma vaga baía das Terras de Santa Cruz, houve por bem crismá-las com

o divertido nome de... França Antártica! Deve porém notar-se, para elucidação dos eruditos, que a façanha d'êste altíssimo varão, digno de Plutarco ou de Cornélio Repos, não deixou vestígios visíveis a ôlho nu, nem na história, nem no mapa-mundi...

Afonso de Albuquerque merece a Montaigne o favor dum apontamento. Não é que lhe interesse propriamente o vulto homérico do conquistador da Ásia. Não. Mas, a propósito — ou a despropósito... — dessa figura de epopeia, conta êle uma anedota simplesmente ridícula. *«Albuquerque, viceroi en l'Inde pour Emmanuel, roy de Portugal, en un extreme peris de fortune de mer, print sur ses espanles un jeune garçon, pour cette seule fin, qu'en la societé de leur peril, son innocence luy servist de garant et de recommandation envers la faveur divine, pour le mettre en sauveté»*, diz Montaigne em sua pitoresca prosa cheia de arcaísmos.

Referindo-se aos livros eróticos do tempo, Montaigne nomeia de fuga o autor dos famosos «Diálogos de Amors», Leão Hebreu — pseudónimo do rabino português Judá Abrabanel, que, segundo a tese fortemente documentada do ilustre professor dr. Teixeira Rego, seria nem mais nem menos que o nosso mavioso Bernardino Ribeiro.

No ensaio «Contre la Faineantise», faz Montaigne a descrição minuciosa, embora imperfeita, da batalha de Alcácer-Quibir: contudo, o seu herói não é, como seria de supôr, o moço rei D. Sebastião, tráfuga esplêndida da Idade Média, reencarnação trágica do Rolando da canção de gesta: — o seu herói é o rei de Fêz, Moley Moluch, fantasma cornelianiano, a comandar, moribundo, as suas tropas, de cima do cavalo branco. Montaigne quasi delira perante a tática de guerra do soberano mouro e perante a sua vontade de ferro, disputando o terreno à própria morte, que já lhe prendia o coração. Todavia, Montaigne tem também palavras simpáticas para o jovem rei Aviz, cuja bravura de leão lhe merece um elogio, embora parcimonioso.

Por fim, na «Apologie de Raimond Sebonds», conta acerca dos portugueses um episódio picaresco e certamente fantástico: *«...de fresche memoire — diz êle — les Portugais assiegeants la ville de Tamiy, au territoire de Xiatinc, les habitants d'icelle porterent sur la muraille grand' quantité de ruches; et avecques du feu chasserent les abeilles si vivement sur leurs ennemis, qu'ils abandonnerent leur entreprinsse ne pouvant soutenir leurs assaults e piqueures»*. Dir-se-hia uma scena de fita cómica norte-americana! E é afinal a quintessência do que a Montaigne inspiraram os feitos dos batalhadores portugueses da era de Quinhentos, irmãos de armas de Albuquerque e de D. João de Castro!

Miguel de Montaigne não foi positivamente amável para com a hipotética pátria de arribação da hipotética judia sua mãe. Tem o autor dos «Essais» uma só desculpa: é que não conhecia por certo a epopeia de Camões, o poema universal da raça, cuja fama não transpuzera ainda a cordilheira pirinaica. Mas Camões, que de-certo, por sua vez, desconhecia Montaigne, vingou-nos de sobejo, ignorando quasi, soberbamente, a França de Felipe Augusto e de Joana d'Arc e maltratando com rudeza, nos «Lusiadas», Francisco I — el-rei Bayard...

UM SIMBOLO DA ACTUALIDADE TAURINA

MARCIAL LALANDA MATA SEIS TOIROS EM TOLEDO

Estas fotografias são de Marcial Lalanda, na tarde toledana em que matou seis toiros de Albaserrada, e escrevemos tarde toledana porque além do facto ter tido lugar em Toledo teve também os tons «gris» que Barrés literariamente artubiu ao retiro «del Greco» e com que Zuloaga pintou o retrato do escritor francês que tem por fundo a cidade. Mas, enfim,

marcando o lugar que lhe não disputavam os estilistas de detalhe, como «Chicuelo» e hoje os dois ciganos, «Cagancho» e «Curro Puya».

Até que apareceu um toureiro «largo» que, surgindo depois de «Joselito», é mais directo discípulo de «su papá», «el Papa Negro», e que como este se chama Manuel Mejias «Bienvenida», toureiro de reportório vasto e alegre,



Marcial na corrida de Toledo em que matou seis Albaserradas, ao seu lado o bandarilheiro Pablo Baos (Sordos), muito conhecido em Lisboa



Este é Marcial quando se decide a fazer «passar» os toiros (Toledo)

é justo confessar que a espada de Marcial, feita em Valência como a de todos os matadores de toiros, não desmereceu a dura ténpera das lâminas toledanas, porque lá matou os seis toiros de Albaserrada.

Que um toureiro mate seis toiros êle só, não é facto novo e muitas vezes o prodigalizou o inolvidável «Joselito», mas desta vez tem especial significação e pode ser um símbolo da actualidade taurina.

E não seremos nós que censuraremos Marcial Lalanda pelo tamanho dos Albaserradas, porque pequenos eram os seis Saltillos que «Joselito» matou um dia em Salamanca e que chegaram bem para o fazer suar a êle e ao duro Blanquet, que acabaram com «los trajes empapados en sudor» — segundo expressão dos dois toureiros mortos.

O símbolo da actualidade taurina reside neste facto, confessado pelos publicistas de Marcial Lalanda «que ha matado seis toros para demostrar que es el mejor de todos».

Ora, a verdade é que todos nós estávamos já convencidos de que Marcial era o melhor de todos, o que mais se parecia a «Joselito», com a diferença que vai da cópia ao original. Para quê, então, a necessidade de o demonstrar agora?

Para demonstrar que Marcial, que era o melhor de todos, continua sendo o melhor de todos, agora, depois da aparição de Manolito Bienvenida.

E nisto reside o tema de dúvidas e discussões da actualidade taurina.

A fama de Marcial Lalanda, que é um dominador de toiros, resistiu à aparição de vários toureiros que como êle, mais ou menos, tentaram imitar o mestre de todos — que foi «Joselito». E nem o desditoso «Granero» nem o seu continuador e patricio «Barrera» abalaram a fama do toureiro de Toledo, que continuava

qualidade esta última que falta a Marcial, triste em seu toureiro de jogador de xadrês, que é jôgo mais próprio de admirações que de entusiasmos.

E para o entusiasmo e simpatia dos públicos, outra vantagem tem Manolito «Bienvenida» sobre Marcial Lalanda — a de vestir, o «niño» de 17 anos, como os toureiros antigos, os que exibiam o orgulho da profissão até na indumen-

tária, com seu chapéu de aba larga, camisa de botões sem gravata e botas inteiras e toureiras.

De tudo isto resultou um perigo para Marcial, um perigo semelhante ao que passou «Bombita» ante a aparição de «Joselito», o perigo de que «Bienvenida» «lo echára de los toros».

E veio então o gesto de Toledo, para demonstrar que continua sendo o melhor de todos, a-pesar dêsse «niño» que ameaça «charlo de los toros».

Esta foi a significação do gesto de Marcial na tarde de Toledo, um símbolo de actualidade, um tema de dúvidas e discussões das quais nos absteremos, por agora, e aguardando a próxima temporada, definitiva para «Bienvenida» e possivelmente, definitiva para Marcial, porque toureiros paralelos depressa se encontram, por paradoxo que isto pareça aos géometras e dúvidas são possíveis entre toureiros diferentes.

Por agora, limitamo-nos a confirmar a nossa admiração por Marcial e, enfim, o nosso entusiasmo por «Bienvenida», jóvem toureiro que tão bem começa a sua arriscada profissão.

Marcial? «Bienvenida»? Ainda é cedo para nos decidirmos. «Mañana hablaremos!».

EL TERRIBLE PEREZ.



Uma posição ridícula e inestética de Marcial (Toledo)

O COMUNISMO

Debate-se a humanidade numa luta constante, num desassossêgo contínuo por causa das idéas. Uns querem a monarquia absoluta, outros a liberal, outros a república, mais outros o bolchevismo, outros o sindicalismo, outros o socialismo, outros o comunismo, outros o anarquismo, e ainda outros umas meninas bonitas e muito ricas a fim dos pais os sustentarem e vestirem só pela massada dêles se deitarem com elas, e de as acompanharem aos teatros e nos passeios. E neste constante labutar vão-se perdendo vidas, sacrificando homens nas prisões porque a cegueira da humanidade é a tal modo que as várias facções políticas ou idealísticas não perdoam umas às outras, estão sempre atentas para no primeiro descuido agarrarem o adversário. Ora em África não se dá isso entre o preto. Ele não se importa dessas coisas, não vai à urna nem pega na espingarda ou na bomba para pôr no poleiro o Zé da Quinta, ou para deitar abaixo o António da Cancela. Para ele tudo corre bem desde que o não incomodem. Actua de tal modo que a sua vida é um perfeito comunismo—êsse comunismo tão ambicionado, tão desejado das classes trabalhadoras e pelo qual figuras imortais se têm sacrificado, vendido a vida

aos janisaros e seitas feudais. Nas povoações que constroem, vivem numa harmonia familiar. Todos se dizem parentes, repartem uns com os outros a comida e tudo o que podem. É interessante vê-los à hora da refeição comendo o pirão o uoutro mantimento das quinbalas ⁽¹⁾ uns dos outros, numa fraternização tão grande que parece estarem num verdadeiro pique-nique.

Pedro Alexandre de Krapotkine, o Homem que desejava a sociedade tão comum que chegou a apresentar o alvitre dum grande caldeirão onde todos se fôsem abastecer; Miguel de Bakunine, Conde de Leão Tolstoï, o Patriarca da Anarquia; Proudhon, Stirner, Gaudwin, Elyseu Reclus, Ferrer e tantos outros que no mundo das idéas vieram infiltrar e defender novas idéas de proveito para a humanidade, estamos por certo que se fizessem um estágio pela África julgar-se-hiam a dentro do seu ideal. E dizemos isto porque o preto não tem espírito de ganância para com o preto. Vive em família, é tudo igual. E tão comunista se mostra que negro que lhe passe à porta na hora da refeição tem de parar e comer embora ele seja doutra

região e nunca se tivessem visto. Nisto revela outro sentimento, outra humanidade que não o branco, pois há-os que procurando-os nas horas das refeições veem falar à porta da rua só com receio que a visita lhes vá ajudar à «mastigação».

E ainda dizem que nós somos humanitários!...

Tanto homem morto, tanto torturado, por propagar o bem comum entre os chamados povos civilizados para nada... Continuamos cada vez mais atrasados, mais bárbaros, mais egoístas, quando o gentio, êsses habitantes do mato, companheiros das feras, gente que desconhece a civilização, se dá como irmãos, segue, embora sem a proficiência que requer o grande ideal filosófico, o Anarquismo-Comunista...

E ainda nos propalam que o preto é inculto! Parva sociedade! Vem ver a fraternização que existe entre ele e depois diz-nos que és civilizada.

É bem certa a frase latina: — «Audaces fortunat juvat» ⁽²⁾.

Sá da Bandeira.

ZARCO DE ALMEIRIM.

⁽¹⁾ Pequenos cestos onde deitam o pirão.

⁽²⁾ A sorte favorece os audaciosos.



Os pretos à hora da refeição — (Foto do sr. Rosa de Avelar)

CURSO DE NOVELISTA POR CORRESPONDÊNCIA

Meu prezado discípulo :

Verifico com infinito prazer que Você aspira a enveredar pelo luminoso caminho das Letras e que o meu anúncio *Literato por correspondência* o animou a transformar essa aspiração na mais radiosa das realidades. Seguindo os meus conselhos, que são ditados por uma velha e ampla experiência, tenha a certeza, meu prezado Amigo e futuro colega, de que logrará, em breve, um lugar de destaque entre os nossos melhores escritores. Deseja matricular-se na *seção romântica* porque são românticas as características do seu temperamento. Confessa-me que no escritório noturno onde trabalha como guardalivros, muitas vezes, ao alinhar algarismos no *Contas-Correntes*, o pensamento seduzido por imagens de estranha beleza abandona o



O contabilista-literato

livro árido, alheia-se dos *devedores e credores* e, menosprezando os interesses rígidos do *Razão*, permanece longas horas em altas regiões de fantasia, fazendo no ar cabriolas comparáveis às dos aviões em *looping-loop*.

É precisamente de espíritos como o seu que eu gosto de me abeirar. Eles possuem tôdas as condições de triunfo nas lides literárias, bastando que se disciplinem, que se integrem no meu sistema de ensino tão prático e eficaz como o curso comercial por correspondência que, segundo me informa, seguiu com facilidade, fazendo de Você um guarda-livros competente e estimado.

Como seria seu desejo escrever uma novela romântica, cheia de emoção e traçada com estilo firme e límpido, apresso-me desde já a iniciá-lo nos mistérios da sua efabulação.

O meu amigo, suponhamos, tem uma ideia ou não tem ideia alguma, que para o caso tanto monta. Princípa por alinhar em um papel as personagens de maior importância, que em uma novela romântica são as seguintes :

1.^a—A heroína, que convém seja uma donzela linda, de cabelos louros e olhos azues, ou morena, de cabelos e olhos negros, conforme a sua predileção, que adora

2.^a—Um jovem pintor de arte, de olhar sonhador e grandes méritos artísticos pouco apreciados do grande público que o desconhece ainda;

3.^a—Uma senhora idosa é aristocrática, condessa por exemplo, de grande apêgo aos pergaminhos, mãe da linda menina, inimiga fidalga do «pobre pintor português», e que deseja casar a filha com

DE GUARDA-LIVROS A ROMANCISTA — COMO SE ESCREVE UMA NOVELA ROMÂNTICA — COMO SE COLOCAM AS PERSONAGENS — O PRIMEIRO CAPÍTULO — ALGUNS EXEMPLOS DE FRASES BONITAS A EMPREGAR — OS NAMORADOS ENCONTRAM-SE — ALGUMAS PALAVRAS ESTRANGEIRAS DE BOM TOM — SCENAS E FIGURAS ACESSÓRIAS — O «TRUC» DO SUICÍDIO — O RAPTO INEVITÁVEL — O CASTIGO DOS MAUS — O TRIUNFO DO AMOR E DA BONDADÉ

4.^a—O filho de um banqueiro, um rapaz cínico, estroina, que gasta a fortuna do pai em pândegas desbargadas e em automóveis de luxo.

Aí tem, meu prezado discípulo, as quatro personagens de maior vulto, com as quais se pode engendrar um drama tão violento, tão brutal como os que Camilo Castelo Branco fizava com a filha de um desembargador ferroz, um estudante apaixonado, um brasileiro de torna-viagem e um convento tenebroso e gradeado que a lua iluminava, a medo e por intermitências, em noite caliginosa de trovoadas e de esperas traiçoeiras em caminhos êrmos.

Que vai você fazer com aquelas personagens? Um romance de duzentas, trezentas ou quinhentas páginas, conforme a sua imaginação ou a sua paciência.

No primeiro capítulo, a fim prender imediatamente a atenção do leitor, você principia por descrever um local solitário, por uma noite escura de inverno, nos arredores de Lisboa, um muro de uma quinta, cães que ladram nas trevas, um palacete na sombra, um vulto que passa na azinhaga da Morte junto do muro, uma silhueta clara que assoma ao alto da parede e conversa com o vulto. É a filha da condessa que vem a altas horas da noite falar com o namorado, o talentoso pintor. Depois você escreve assim :

«Esconda-se o leitor conosco neste recanto sombrio e, protegidos pelas ervas bravas, escutemos o que a pobre e linda menina diz a êsse jovem que a adora com tôdas as fibras da sua alma.»

Supõe-se que tanto o leitor como você caiem na asneira de rastejarem na azinhaga lamacenta, por uma noite de inverno im-



O professor do curso

pedosa e fria, e dá-se conta, através de um diálogo emocionante, das últimas resoluções da fera condessa. A linda menina participa, entre lágrimas abundantes e em trêmula voz, que o seu casamento com o filho do banqueiro está marcado para dali a quinze dias. Ela, em voz angustiada, exclama :

— Mato-me nesse dia!... Aquêlê cínico terá por esposa um cadáver!...

O pintor, desesperado, torce os punhos e brada :

— Maldição!... Maldição!...

Neste momento, na fachada do palacete imerso na treva ilumina-se uma janela. Os cães ladram furiosamente e a pobre menina só tem tempo de dizer :

— Minha mãe está acordada! Adeus...

— Adeus... — murmurou o mancebo.



O pobre pintor

O vulto branco da donzela perde-se na noite. O pintor esgueira-se ao longo do muro, desaparecendo na sombra. E o capítulo remata desta fôrma admirável :

«Durante algum tempo os cães alarmados ladravam com fúria. Por fim, aquietaram-se, e o silêncio reinou na noite tenebrosa como um rei absoluto em um país vencido.»

Como vê, futuro colega, é tão fácil esboçar o primeiro capítulo de uma novela romântica como fazer um lançamento no *Diário* ou no *Caixa*. Passemos agora ao segundo capítulo, que sem mais preâmbulos, deve abrir por êstes dizeres :

«Queira o leitor acompanhar-me ao baile que a marquesa de H... deu há três meses no seu soberbo palácio na Avenida Z...»

E faz a descrição do baile, muito elegante, onde compareceram as pessoas de maior destaque na boa sociedade, nas Artes, nas Letras, na Finança e na Política. É aí que o pintor e a filha da condessa se encontram pela primeira vez. «Ela estava mais bela do que nunca nessa noite inolvidável. As suas dozeit primaveras desabrochavam em dotes de rara formosura. *Fausse maigre* (convém uma vez por outra empregar termos franceses ou anglo-saxónicos, tais como : *chic, raffiné, spleen, blasé, fashion, gauche*, etc.) seu corpo de linhas esguias mas bem modeladas atraía o olhar curioso de todos os convidados.»

Ela dança com o pintor, trocam algumas palavras banais, de etiqueta, mas «seus olhos mais eloqüentes do que seus lábios» estabelecem um diálogo de amor por tal fôrma expressivo que, «bem o sentiram naqueles ins-

tantes inenarráveis, jamais poderiam pertencer senão um ao outro.»

A velha condessa notara porém, aquela, mal dissimulada inclinação e resolveu imediatamente esmagar as aspirações nascentes. Chamou a filha de parte, proibindo-a de tornar a dançar com o pintor e, impelindo-a para os braços do filho do banqueiro, belo partido que poderia vir salvar sua casa de uma próxima ruína.

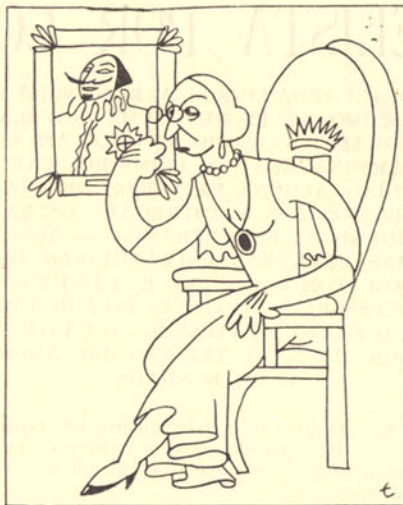
No entanto, a donzela, que é ingénua e bondosa, ainda teve artes, antes de se retirar, de dizer baixinho ao pintor a quem amava já com louco entusiasmo:

— Esperá-lo-hei amanhã à tarde junto do muro da minha quinta.

Depois, capítulo por capítulo, o meu precado amigo, irá puxando o fio à meada romântica, entretendo o leitor com cenas de crescente interesse e manejando figuras secundárias, a saber:

a) Uma pobresinha que vai todos os dias ao palácio receber esmola das mãos caritativas da linda menina e, que, à supaca, leva e traz correspondência de amor;

b) um criado antipático que espia todos os passos da menina para trazer a condessa bem informada de toda a trama de amor;



A senhora condessa

tas linhas já a mão que as escreveu estará fria para sempre, já o cérebro que as elaborou terá deixado de pensar, já a alma que as ditou, liberta desta miserável vida terrena, terá voado para o Paraíso onde esperará a tua para o noivado eterno.»

Sim, meu caro discípulo, a pobre menina receberá esta carta dois dias antes do seu casamento com o filho banqueiro. A dolorosa impressão que as trágicas linhas causarão no ânimo da donzela fornecerá matéria para um capítulo admirável onde você vasará às mãos cheias todas as pérolas do seu temperamento romântico. Serão páginas que as leitoras regarão de lágrimas abundantes. A menina desmaiará e a condessa, lendo a carta que voou das mãos pálidas da virgem para o tapete fôfo, soltará uma exclamação de tão forte alegria que indignará o coração bem formado do leitor.

Mas — no capítulo seguinte — você tornará a levar os seus leitores à Azinhaga do Morte para eles verem que sombras negras trepam ao muro e saltam dentro da quinta. Os cães ladram um momento e logo se calam talvez envenenados pelos assaltantes. Uma voz ergue-se e chama pelo nome da filha da condessa que salta do leito virginal e corre à janela para responder ao apêlo do pintor, «porque de outro não era a voz que a chamava.»

Fazendo do lençol corda de salvação a menina desce até ao jardim e cai nos braços do artista, que a beija e lhe diz:



O filho do banqueiro



A filha da condessa

c) uma carta anónima forjada pela condessa que acusa o pintor de ser um bandido da pior espécie;

d) uma espera traiçoeira que, na Azinhaga do Morte, o filho banqueiro e sequazes fazem ao pintor, por tenebrosa noite, espera de que após longos minutos de angustiada luta o rapaz consegue escapar, mercê da involuntária e súbita aparição de uns saloios que vêm a caminho dos mercados da capital.

Entretanto, af por volta, do décimo capítulo já a acção chegou ao momento do primeiro capítulo. Diz-se então, no décimo primeiro, ao leitor cada vez mais interessado:

«O jóvem, a alma alanceada, andou alguns dias ruminando um projecto que hesitava em pôr em prática.» Vai-se dando conta dos desesperos do rapaz que olhava ansioso o calendário vendo aproximar-se, inexorável, o dia fatal do casamento da sua bela com o filho devasso do grande banqueiro. O artista pensava umas vezes em matar o rival, outras em suicidar-se, outras ainda em matar toda a gente: a condessa, a filha, o adversário e ele próprio. Para causar calafrios às leitoras, que devem sentir-se tão apaixonadas pelo pintor como a gentilíssima filha da condessa, faz-se com que ele escreva uma carta lacrimável que principiará desta arte: «Meu amor! Meu bem! Minha-vida!

«Quando teus olhos meigos decifrares es-

— Meu amor, fujamos para longe!

E fogem.

Durante os outros capítulos nada se sabe dos dois pombinhos, porque você hábilmente vai entretendo os leitores com a descrição do escândalo que o rapto causou, a cara de asno com que ficou o filho do banqueiro, a fúria da condessa, as pesquizas da polícia, as indiscreções das gazetas, etc.

Até que começa a soar a hora da justiça, porque você lembre-se de que nas novelas românticas, ao contrário do que em regra sucede na vida, o Bem triunfa, o Mal acaba por ser vencido, o Amor passa tratos de polé mas, por fim, vence e torna felizes os que se acolhem à sua protecção. A hora da justiça bate a sua primeira badalada com uma súbita baixa de fundos públicos que arruína o poderoso banqueiro e arremessa o filho para o automobilismo profissional. O rapaz faz-se *chauffeur* para não morrer de fome, mas morre de um desastre horrível, rolando por uma ribanceira e ficando reduzido a papas. Entretanto, no último capítulo, que se passa em Paris, em uma mansarda romântica, pobre, mal agazalhada, mas sempre florida, uma rapariga de rara beleza modestamente vestida, costura, mas seus olhos



O triunfo do amor

de minuto a minuto procuram o relógio. De súbito, batem à porta e ela corre a abri-la. Entra um mancebo que a estreita contra o peito beijando-a prolongadamente.

— Meu amor — diz elle, quando a solta por fim dos seus braços — acabo de ganhar o primeiro prémio no *Salon*.

E, como se os leitores não o tivessem adivinhado, você, meu caro, dirá, fingindo-se indiscreto: «aquêlê casal feliz era formado pela filha da condessa e pelo pintor, que acabava de receber o primeiro ósculo da fortuna.»

Epilogo: A condessa morreu ao cabo de alguns meses e a filha dava à luz um menino lindo como os amores que o geraram, um menino que era todo o encanto do palacete que o grande e afamado pintor habitava nos Campos Elísios.

Aí tem, meu bom amigo, a primeira lição de literatura. Lance-se ao trabalho e, à medida que fôr escrevendo, vá-me remetendo cópia do original que eu irei corrigindo, pouco a pouco. Pelo meu sistema, que deve recomendar aos seus amigos e conhecidos, verá que tira melhores resultados do que guiando-se pelos compêndios do sr. Guerreiro Murta, de pouca eficácia a despeito dos réclames espalhafatosos.

Creia-me seu amigo

(Boncos de TOM)

MÁRIO DOMINGUES.

SURPRESAS DUM LUSITANO NA POLONIA

A EXPORTAÇÃO DO FADO
PORTUGUÊS...

POR GROSSO E EM CONTRABANDO

Pouco depois da guerra, próximo do Natal de 1919, chegou a Lisboa um mocinho louro, magro, que roía as unhas com nervosismo, uns olhos bogalhudos muito azuis, a faiscarem por detrás de uns óculos de aro de tartaruga; e ademanos um pouco excêntricos. Fêz-se notar porque não deixava perder uma oportunidade para travar relações com a gente portuguesa. Frequentava a Brasileira do Chiado, o Martinho, o Suisso — e logo que podia apresentava-se aos vizinhos de mesa, numa algaraviada quasi cómica:

— *Soy poloner... Oswald Zelñich, escritor... natural de Warsovia...*

...E faltava só dizer os nomes dos pais, a idade, se era solteiro, casado ou viuvo e se tinha tido bexigas em pequeno — para que a certidão verbal fôsse completa. Oswald Zelñich — já tinha estado em Portugal no princípio da guerra. Contava então dezoito primaveras. Depois regressou a Paris, de onde viera — e de Paris vinha quando voltou a Portugal, naquele ano.

O facto d'êles se declarar escritor serviu para atrair mais ainda a curiosidade dos *habitués* de café. Mas ao certo não se sabia «como» êle era escritor. Romancista? Articulista? E quando lhe perguntavam, sorria e explicava:

— *Ser muita jovem ainda. Por agora estoy preparando-me! Despues só escreverer todo!*

Que viria êle preparar a Portugal? Que preparação seria a sua? As oito horas da

manhã já o víamos a dar passadas quilométricas pelo Chiado acima e a oferecer a tôdas as pessoas das suas vagas relações:

— *Querre tomarre um cafecino?*



Oswald Zelñich como está agora e como aparece no programa que anuncia a sua revista *Brauner Dame* em scena no Teatro Casino de Varsóvia

Passava a manhã nessa peregrinação pelos cafés, e a tarde também. Chegando à noite, mudava o programa e desatava a percorrer os teatros — e aqui residia o auto pitoresco de Oswald Zelñich. Êle não frequentava os teatros com aquela paz comodista dum forasteiro com pouco trabalho, que pretende rematar a

noite com uma distração pacata, nem um desses impressionáveis amadores de espectáculos que se emocionam antes de subir o pano, que se abicham, impacientes, frente à bilheteira, que estrondeiam gargalhadas à menor graçola... Não! Oswald era diferente. Dir-se hia que o teatro representava uma missão secreta, um trabalho extraordinário.

Êle, que durante todo o dia se exhibia com uma alegria infantil — chegando à hora dos espectáculos, franzia o sobrôlho ruivo e as suas irises claras brilhavam de uma maneira estranha.

Despedia-se de todos — e sendo, como era, um comunicativo, marchava sôzinho, às grandes passadas, até ao primeiro teatro.

Contudo, não se fixava em nenhum. Afundava-se no seu *jautciull*, apertava o queixo entre o polegar e o indicador, e os seus olhos aguçavam-se como se pretendessem hipnotizar os artistas que cantarolavam em scena. Não se ria. Não se comovia. Não se emocionava. Não aplaudia — e de súbito, a meio de um quadro, saltava da cadeira como que expellido por uma mola poderosa — e, molestando tôda a gente, abandonava o teatro, entre as pragas em surdina dos outros espectadores. Chegando à rua, examinava um pequeno *block-notes* e corria a outro teatro, tomando eléctricos, alargando mais ainda as passadas, como se nesse outro teatro alguém o aguardasse. Mas, chegava; comprava o bilhete; sentava-se; retomava a sua miste-

riosa atitude e abalava com o mesmo modo brusco e enigmático.

Um belo dia abandonou Lisboa, como costumava abandonar os teatros. Durante algum tempo os que mais intimamente com elle tinham lidado, receberam postais ilustrados de Barcelona, de Milão, de Bucarest, dizendo sempre: «Continuo a *preparar-me*». E depois o silêncio foi absoluto. Já lá vai um bom par de anos; e eu estava convencido que nunca mais tornaria a ouvir falar do pitoresco Oswald Zelñick... Pois... equivocara-me!

*
* * *

O meu antigo condiscípulo e comerciante andante, Carlos Proença de Carvalho, foi fazer uma *tourné* de negócios pela Europa Central. Recebi, há pouco tempo, uma carta sua, encimada pela *en-tête* do Central Hotel de Varzovia e datada de 22 de Janeiro.

Depois de comunicar-me as suas impressões conta-me este curioso episódio:

«Ontem à noite fui ao Teatro-Casino de Varzovia ver uma revista muito rclamada:

Braüner Dame. A revista é o único espectáculo a que posso assistir — visto que ignoro o idioma polaco. Calcula tu o meu espanto quando, na sinfonia de entrada, de mistura com outros trechos de música, ouço pedaços de fados e de outras canções portuguesas.

«Não tardei a esquecer-me desta coincidência. Subiu o pano e predispos-me a gozar umas horas de *ferie*; mas logo no segundo quadro tive nova surpresa. Aparecera em scena um *chauffeur* de ar brutal que, depois dum diálogo indecifrável para mim, desatou a cantar o fado... do «Ganga». Julguei que me tinha enganado. Apurei melhor o ouvido. Era o «Ganga» — não havia dúvida.

«Fiquei àlerta; poucos quadros mais diante surge-me uma scena que pela música e pelo desfile dos personagens não foi difícil fazer-



Helzine Travije, criadora da *Margarida vai à fonte*... em polaco

me recordar o segundo quadro de *Serafim, el Pinturero* — uma zarzuela espanhola que esteve muito tempo nos cartazes de Madrid. E logo a seguir, num quadro alusivo ao vizinho bolchevismo, um patusco de grandes barbas negras, empunhando punhais sangrentos e a entoar o fado... das «Mãos Criminosas».

«Mas havia mais: Havia o número da «Margarida vai à Fonte», em que as *girls* vestiam trajos boémios e à sua frente, a deliciosa Helzine Travije, estrêla do teatro, evocava com um sentimento eslavo as nostálgicas notas da canção portuguesa; um dueto de polícias caricaturados, no estilo dos que Carlos Leal arranja e cantando uma música que é nossa mas não me lembro de onde — e outras roubalheiras do mesmo estilo.»

E o meu correspondente termina a carta dizendo:

«A revista é de um tal Oswald Zelñich que se intitula autor único da música e da letra. Informei-me e soube que elle é o autor mais popular do teatro musicado de Varzovia e que produziu mais de quarenta revistas e operetas, em poucos anos.»

*
* * *

Oswald Zelñick? Estava desvendado o mistério da sua passagem por Lisboa, por Barcelona, por Milão. Vinha *preparar-se*... É que *preparar-se* em polaco quiere dizer *surripiar*...

ALGUNS SALÕES LITERÁRIOS EM FRANÇA NOS SÉCULOS XVII E XVIII

SUMÁRIO

- A VIDA DE SOCIEDADE E O SEU SIGNIFICADO PSICOLÓGICO.
- A FRANÇA E A ARTE DE CONVERSAR.
- OUTRAS CAUSAS DE FLORESCIMENTO DOS SALÕES LITERÁRIOS.
- A ETIQUETA.
- «HOTEL DE RAMBOUILLET», SÁBADOS DE M.^{elle} SCUDÉRY, SALÃO DE M.^{me} ÉABLÉ.
- CARACTERÍSTICAS DOS SÉCULOS XVII E XVIII EM FRANÇA.
- SALÕES DA MARQUESA DU DEFFAN E DE M.^{me} NECKER. — M.^{me} DU DEFFAN E O SEU AMOR SERÓDIO POR WALPOLE.
- DUAS MULHERES REPRESENTATIVAS.
- M.^{elle} DE LESPINASSE, O SEU SALÃO, O SEU CARÁCTER, A SUA VEEMÊNCIA PASSIONAL. — JÚLIA DE LESPINASSE E A FREIRA DE BEJA.
- A REALEZA DA MODA.
- SALÃO DE M.^{me} DE GEOFFRIN OU «LE ROYAUME DE LA RUE SAINT-HONORÉ». — SUA ORGANIZAÇÃO, SUA IMPORTÂNCIA, SUA CELEBRIDADE.
- A REVOLUÇÃO FRANCESA E A DECADÊNCIA DOS SALÕES LITERÁRIOS.

Realizou-se um destes anos em Paris (em Março e Abril de 1927), no Museu Carnavalet, instalado no palácio que foi da gentilíssima M.^{me} de Sévigné, uma curiosa exposição subordinada ao título: «Os grandes salões literários em França», que eu tive a oportunidade e o prazer de visitar.

Muitas das salas do Museu foram ornamentadas e mobiladas segundo o gosto das épocas e das sociedades que havia o intuito de evocar; e, nesse ambiente adequado, se dispuseram retratos, autógrafos, jóias, objectos familiares, de muitos das personagens, ilustres ou interessantes, cujos nomes andam ligados à história desses círculos de cultura amável e de fina sociabilidade. Organizou-se simultaneamente um programa de conferências que tinha por fim completar a função educativa da ex-

posição, dando dinamismo e vida aos cenários expostos.

Essas conferências, incumbidas a alguns belos nomes das letras francesas de hoje, não tive eu o ensêjo de ouvi-las. Felizmente, possuía um pouco de leitura sobre a vida dos principais salões representados no Museu Carnavalet, o que me permitiu compreender a exposição e sentir o seu interesse.

Tendo-me lembrado dela, há tempo, pensei em dedicar um pequeno ensaio à história e ao significado dos salões literários em França, nos séculos XVII e XVIII.

Dessa idéa resultaram as páginas desprezíveis que vão ler-se.

Nelas transcrevo a cada passo alguns dos mais ilustres escritores franceses que se ocuparam do assunto, cedendo-lhes a palavra; resumo, outras vezes, muitas páginas suas, nalguns períodos breves; e só aqui e além intervenho, para marcar um ponto de vista mais ou menos pessoal, ou para escolher, entre versões ou interpretações diferentes do mesmo facto ou da mesma figura, a versão que me parece mais exacta, a interpretação que julgo mais compreensiva.

Trata-se pois duma visão panorâmica muito rápida, duma síntese bastante incompleta, em que, para versar determinados aspectos, tive forçosamente que sacrificar outros.

Bem conheço que seria mais meritório tratar dos salões literários portugueses que dos franceses. Creio justificar-me, alegando: 1.º — que os salões literários entre nós, se nalgumas épocas, e excepcionalmente, um ou outro tem existido, nunca atingiram grande desenvolvimento ou influência. São muitas as razões do fenómeno, salientando-se, entre outras, as de sermos um povo pobre e medocrememente sociável. 2.º — Apesar da não muita importância dos nossos salões literários, seria interessante estudá-los; mas os elementos escasseiam ou andam demasiado dispersos, e as fontes para esse estudo são, na maioria dos casos pouco acessíveis. 3.º — Talvez um dia venha a ocupar-me, noutro pequeno ensaio, dos salões portugueses, tentando uma síntese dos elementos acessíveis que possa haver à mão.

*
* *
*

Entre os muitos e variados aspectos sob que pode considerar-se esse fenómeno tão complexo a que se dá o nome de «civilização», um dos mais curiosos consiste no florescimento da «vida de sociedades», atribuindo a esta palavra o significado de formação de centros de convívio selecto e polido, elegante e culto, onde convergem e veem reflectir-se, em imagens fugazes, ligeiras, mas animadas e vivas, todas as manifestações de valor, distinção e graça dum povo ou duma época.

Se passarmos em revista alguns dos mais afamados desses centros de sociabilidade espiritual e requintada (que, para surgirem e se desenvolverem, necessitam muitas condições adequadas: de riqueza, bom-gosto, ilustração, delicado «savoir-vivre...»), veremos patentear-se

neles, de forma bem frisante, os caracteres dos povos e dos períodos históricos em que apareceram, desde a índole da raça às tendências culturais, da orientação religiosa e moral, à maneira peculiar de sentir o amor ou de entender a elegância.

E assim como não é possível confundir Londres com Paris ou com Berlim, nem a Renascença italiana com o século de Luís XIV ou com o Enciclipedismo francês, muito nítidas são também as diferenças entre um salão inglês e um francês, entre o gosto decorativo, o tom da conversa e os assuntos predilectos na corte de Médicis ou na do Rei Sol. Um cego com alguma leitura de História distingui-las-hia de-certo muito melhor do que o cego da



Voltaire

Bartrina, entre as outras côres, distinguia o encarnado.

Não é porém uma dissertação de filosofia da história que eu pretendo fazer, mas simplesmente dedicar algumas breves palavras aos salões literários em França, pátria por excelência da sociabilidade culta e refinada, país de conversadores e conversadoras sem igual, e que nessa arte amável detem o sceptro e não o cede a nenhum outro.

A sua própria literatura, quasi toda ela, é uma literatura de conversadores, e não, como por exemplo a alemã ou a inglesa, de solitários e concentrados, e daí a superioridade que assigna em certos géneros e modalidades e a sua relativa inferioridade noutros. Já M.^{me} de Stael em «De l'Allemagne», ao estabelecer o confronto entre as duas literaturas, notou com muita justeza essa influência.

«Por instinto, o francês (escreve Taine) gosta de se encontrar em companhia, e a razão disso é que ele faz bem e sem dificuldade todas as acções que a sociedade comporta. Pois o que lhe agrada é um prazer duma qualidade particular, fino, ligeiro, rápido, incessantemente renovado e variado, onde a sua inteligência, o seu amor-



O antigo palácio de Madame Sévigné, onde se encontra instalado o Museu Carnavalet

-próprio, tôdas as suas vivas e simpáticas faculdades encontrem alimento; e esta espécie de prazer não há no mundo senão a conversa que possa fornecê-los.

«Ágil e sinuosa (diz noutro ponto), a conversa é para êle como o vôo para uma ave; de idéas em idéas, êle viaja àlerta, excitado pelo «élan» dos outros, com circuitos e regressos imprevistos, ao mais baixo, ao mais alto, rasando a terra ou tocando os cimos, sem se perder nas

Mais, par un long usage, illes ont la science De la faire exercer par leurs maris.

De facto, a mulher tem em França, e sobretudo em Paris, uma interferência muito maior na vida do homem, e uma maior liberdade de movimentos do que nos nossos países do sul, e talvez mesmo do que em qualquer nação da Europa. A observação directa dos costumes de Paris confirma-nos a verdade dos versos de Perrault — no que se refere à soberania da mulher, quero eu dizer (que lá, mais do que em parte alguma, nos dá idéa de ser raíña) — e não tanto na maliciosa alusão «à la patience des maris»... pois, quanto a isso, o turista, ajuizando pelos meios equívocos que lhe são mais acessíveis, tende sempre a exagerar, e os próprios franceses... *se calomnient un peu*. Portanto, *passons*...

Assim também o tacto, o «ménagement» dos interesses, das vaidades, das paixões do homem, é um dom que as parisienses de distinção possuem em alto grau, já por natural vocação, já por um longo exercício, uma continuada prática.

Acrescentem-se a isto condições de independência económica e de casta social, particularíssimas, nas épocas em que os salões literários appareceram e atingiram o seu maior esplendor; e ainda uma ampla difusão de cultura e um grande entusiasmo pelas belas coisas do espírito, vivo sempre, desde há séculos, nessa capital (uma das capitais de intelligência humana), mas muito especialmente então — e compreender-se-há facilmente que o espírito de sociabilidade produzisse ali, nessa nação, nessa capital e nessa época, as suas mais belas e acabadadas florações.

Por mim, não sei de nenhum período na História em que os escritores, pensadores e artistas fôsem tidos em mais alta consideração e exercessem um maior império à sua volta do que êsse que vai de Luís XIV até à Revolução, e principalmente do que todo o século XVIII em França.

E êsse império exercia-se, não sôbre um público democrático e hectorogénio, recrutado nas classes médias, como no nosso tempo, mas sôbre as mais altas classes sociais, as que disputavam do mando, da fortuna, e das posições de maior brilho.

Bastaria lembrar a recepção apoteótica, como só os reis as tiveram, feita a Voltaire, quando da sua última visita a Paris, e a influência tão poderosa do «Emílio» e da Nova Heloísa» de Rousseau sôbre os costumes das sociedades elegantes de Paris, e até da côrte do tempo.

«Em muitas ocasiões os títulos literários tinham a preferência sôbre os títulos de nobreza». (Taine).

«Nós preferíamos uma palavra de elogio de D'Alembert, de Diderot, ao mais assinalado favor dum príncipe». São palavras dum nobre do tempo.

As Letras e as Artes foram nessa época uma verdadeira paixão da nobreza e das classes preponderantes. E hoje, que uma boa parte da alta burguesia e da alta finança parece desdenhar as nobres coisas do espírito, para se interessar excessiva e desordenadamente pelos desportos, é nos grato evocar uma aristocracia que considerava as Letras e as Artes como um dos primeiros títulos de nobreza.

Em verdade, a literatura e a filosofia estavam na moda. Grande número de obras, tanto literárias como filosóficas, antes de impressas e publicadas, eram lidas nos salões pelos seus

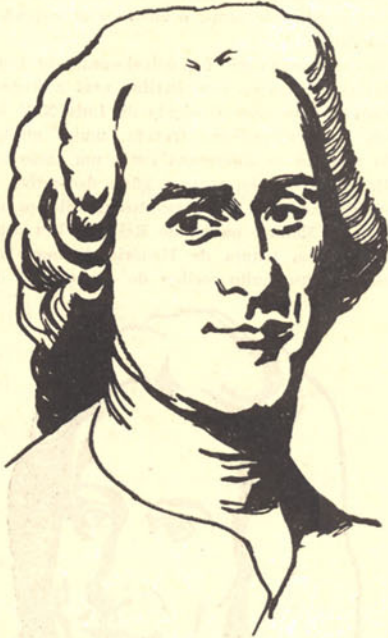
autores, algumas vezes perante grandes auditórios. Alguns dos livros mais célebres da época foram escritos a pedido de senhoras, para orientar as suas idéas sôbre questões religiosas, metafísicas e pedagógicas. O «Emílio» está nesse número, obedeceu a êsse intuito.

O entusiasmo da mulher pelas coisas intellectuais ia a tal ponto que (diz ainda Taine): «no gabinete duma mulher da moda encontram-se, ao lado dum pequeno altar dedicado à Beneficência e à Amisade, um dicionário de História Natural e tratados de física e química. Uma mulher já se não faz pintar em deusa, sôbre uma núvem, mas num laboratório, sentada entre compassos e telescópios... Nas sessões públicas da Academia das Inscricções, as senhoras de sociedade aplaudem dissertações sôbre o Boi Ápis; sôbre as relações das línguas egípcia, fenícia e grega... Muitas manejam a lanceta e mesmo o escalpelo; a Marquesa de Voyer quer dissecar, e a Condessa de Coygny dissecou com as suas próprias mãos.»

Tôda esta citação diz respeito apenas ao século XVIII, o das preocupações filosóficas e científicas. No anterior, conhecido pela idade de ouro da Literatura (embora conte também filósofos de primeira grandeza, como Descartes e Pascal, que neste não têm competidores, quer em originalidade, quer em profundidade) — no anterior, dizia eu, as sombras cultivavam e entusiasmavam-se simplesmente pelas belas-lettras, onde algumas conquistaram nomes illustres.

Um outro factor importante contribuiu ainda para que os salões literários atingissem todo o seu esplendor. Quero referir-me ao grande requinte a que tinha chegado a arte de «savoir-vivre» e a polidez de maneiras. É fácil imaginar qual êle seria nessa sociedade que teve como mestras as côrtes do Rei-Sol e de Luís XV, côrtes onde, como em nenhuma outras, em qualquer tempo ou nação, a etiqueta assumiu a importância duma arte difficilima, a mais necessária de tôdas, e que os pais curavam de fazer ensinar aos filhos, desde os mais tenros anos, a fim de que mais tarde fôsem perfeitos cortezãos.

Era para êles a parte mais séria da educação e a que exigia maiores sollicitudes. Fazer uma contumélia com presteza e graça, tornear com galanteria e finura palaciana um simples cumprimento, um dito, uma anedota, eram coisas de primacial gravidade e que não cediam o



Rousseau

profundidades ou se embarçar nas brenhas, nem pedir aos mil objectos que aflora mais do que a diversidade ou a alegria dos seus aspectos.»

Estas linhas marcam bem, em verdade, as tendências do espírito francês, que deu talvez em Voltaire o seu tipo mais representativo.

Quanto aos preciosos dotes de conversadora da mulher francesa, são proverbiais e incontestados, reconhecidos de todos.

Já no século XV, o grande poeta boémio François Villon os exaltava numa balada, referente em especial às parisienses, mas que pode ampliar-se sem perigo de grave injustiça. Termina assim a balada de Villon:

*Les femmes y sont souveraines,
Tout s'y reglet selon leurs vœux;
Enfim, c'est un climat heurieux
Qui n'est habité que des reignes.*

E Perrault, dois séculos depois, celebrava, na dedicatória em verso dum dos seus encantadores contos de fadas, a soberania da parisiense, o prestigio da sua influência na vida social:

*Prince, aux dames Parisiennes
De beau parlev donne le prix;
Quoy qu'on die d'Italiennes,
Il n'est bon bec que de Paris.*

E, pondo em relêvo a liberdade, já tradicional, de que então gosava a parisiense, acrescentava com epigramática malícia:

*Se n'est pas que la patience
Ne soit une vertu des femmes de Paris;*



D'Alembert

passo a nenhuma outra. Compreende-se que assim fôsse, numa aristocracia ociosa, sobretudo de extracção militar que, ao abandonar, por desnecessários, os seus postos nos campos da batalha, vinha na sua maior parte fazer círculo em volta do soberano, e do palácio real de Versailles, para viver ali, nesse sumptuoso e fictício cenário de ópera, uma existência de contínua parada, decorativa e teatral. O rei e os seus mais próximos davam o tom, ditavam o código da etiqueta, que todos os cortejões em volta executavam a capricho, e que ia depois repercutir-se, mercê da imitação, em todos os círculos mais ou menos elegantes de Paris, e nos castelos e palácios de toda a França, onde uma parte da nobreza provincial, cujos rendimentos não chegavam para a sumptuosa existência de Versailles, se resignava a viver ainda.

Mais tarde, o código da etiqueta perdeu o seu primitivo rigor, foi-se tornando flexível e tolerante, até quasi se transformar numa carta de ampla liberdade, em que um grande número de espontâneos abandonos eram permitidos. Mas é fácil calcular como deviam ser graciosos os movimentos e os gestos desses cavalheiros e dessas damas, mesmo quando se abandonavam a si próprios, depois de adextração numa tão difícil gymnástica.

* * *

Costuma datar-se a origem dos salões literários em França do tão célebre salão da Marquesa de Rambouillet, mais conhecido pela designação de «hotel de Rambouillet», que appareceu no primeiro quartel do século XVIII, e foi frequentado por grandes poetas, como Malherbe



Diderot

e Corneille, e por notáveis homens de letras, como Scarron e Voiture.

Outros surgiram depois, a seu exemplo: o de M.^{lle} Scudéry, que reunia aos sábados, e era por isso conhecido pelos «Sábados de Mademoiselle Scudéry» — este burguez, e não aristocrático como o anterior, e de tendências mais afectadas que, acentuando-se, deram de si o «preciosismo», tão satirizado por Molière e Boileau.

Na segunda metade do século, deve fazer-se referência ao círculo de M.^{me} Sablé, «esse discreto salão tão fechado e tão visitado», no dizer de Saint-Beuve, que teve como frequentadores os jansenistas Arnault e Nicole, uma vez ou outra Pascal, mas sobretudo La Rochefoucauld, que foi o tipo representativo das predilecções do salão, onde se cultivavam de preferência as máximas ou reflexões morais. Dessa preocupação, e das conversas e tentativas a que dava lugar, safu o admirável livro de «Máximas» de La Rochefoucauld.

Mas foi na centúria seguinte que os salões literários atingiram o seu apogeu e exerceram maior influência social, generalizando-se, recebendo alguns deles como convivas um grande número de homens de letras, de artistas, de pensadores e de políticos, e adquirindo mesmo uma complicada e severa organização, como succedeu com o salão de M.^{me} Geoffrin, celeberrimo ao tempo em toda a Europa culta, e designado também por «Le Boyaume de la rue Saint-Honoré».

Algumas profundas diferenças fisionómicas e psicológicas caracterizam, no entanto, os salões destas centúrias, pois muito diversa foi a orientação mental e moral que as dominou.

No século XVII, o poder real gosa do seu maior prestígio com Luis XIV, e a literatura e as artes contribuem para a exaltação do poder monárquico. Tanto na filosofia como nas letras, a inspiração é cristã e católica.

O objecto que então ocupa a vida mental é o homem interior, as paixões do coração humano. Época de analistas, que tem como símbolos mais altos Pascal e Bossuet, Racine e Molière, Saint-Simon e La Fontaine.

Nos princípios do século XVIII, o poder real está já em declínio, e durante todo elle não fará senão enfraquecer-se, até desaparecer na sua última década. As idéias católicas são também fortemente abaladas; as classes preponderantes, e mesmo a própria corte, começam a ser invadidas pelo scepticismo, pelo deísmo filosófico e pelo ateísmo. A literatura e a filosofia tomam uma feição acntuadamente combativa, demolidora, e pertendem inspirar-se na sciência. Estas transformações são acompanhadas dum afrouxamento crescente na vida moral e duma dissolução cada vez maior nos costumes.

O próprio clero, em geral, é irreligioso; os altos dignitários da Igreja professam o ateísmo e vivem na maior licença. Em parte alguma a hospitalidade e a pompa eram maiores que nos palácios episcopais.

Um dia, uma dama, acompanhada dum jóvém official, tendo ido visitar o cardeal de Rohan, e convidando-os elle para passarem a noite, o seu criado de quarto veio avisá-lo, em voz baixa, de que não havia lugares.

— O compartimento dos banhos está occupado? perguntou o cardeal.

— Não, monsenhor.

— Não há dois leitos?

— Sim, monsenhor, mas estão no mesmo quarto e este official...

— Pois bem; não vieram elles juntos? As pessoas tacanhas como tu em tudo vêem mal; verás que hão de acomodar-se muito bem; não há a mais pequena reflexão a fazer.

Efectivamente, parece que ninguém fez a mais pequena reflexão, nem o official nem a dama. (Taine).

Num livro do tempo, conta-se que um marido dizia a sua mulher: «Je vous permet tout, hors les princes et les laquais».

E o autor do livro comenta: «Il était dans le vrai, ces deux extrêmes déshonorent par leur scandale.» — Um outro marido, surpreendendo sua mulher, diz-lhe simplesmente: «Quel imprudence, Madame! si c'était un autre que moi!».

E como estes, podiam citar-se muitísimos casos. — Assim, se a certos respeito, este sé-



Pascal

culo continua o anterior, quanto a outros está em plena opposição com elle.

Os salões da época reflectem estes dois aspectos. Nalguns prevalecem ainda, em grande parte, os gostos e as tendências do século XVII.

Tal o salão da Marquiza du Deffan que, se é sceptica em religião, e nisso se parece com o seu tempo, fica por outro lado desdenhosamente indifferente aos problemas e às controvérsias filosóficas que os homens da «Enciclopédia» agitam; e ri mesmo da sua linguagem que acha declamatória e empolada, ela que no estilo das suas cartas e no seu gosto literário se conserva fiel à tradição franceza, e é pela graça ligeira e pela simplicidade. Além disso, bane da conversa todos os assuntos políticos e metafísicos que, quando muito, são tolerados como matéria de epigramas.

Ali faz-se sobretudo «espírito», cultivam-se as anedotas mais ou menos escandalosas, os «potins», e, em suma, faz-se bastante má lingua. Contudo, teve por habuaic frequentadores, homens dos mais illustres da «Enciclopédia», a começar por D'Alembert que foi amigo íntimo da Marquiza, até ao corte de relações provocado por M.^{lle} Lespinasse.

Em perfeita antítese, estava o salão de M.^{me} Necker, todo grave e filosófico, onde a economia política e a filosofia tinham lugar quasi exclusivo. Lá, dissertava-se mais do que se conversava, e julgar-se-hia, por vezes, assistir menos a uma ceia entre amigos, do que a uma assembléa de homens de Estado ou a uma sessão académica.

Outros há que são abertos a todos os assuntos, deixando manifestar-se à vontade os cérebros e os temperamentos, permitindo a livre expansão das personalidades.

Assim foi, mais do que nenhum, o de M.^{lle} Lespinasse, sobrinha natural da M.^{me} du Deffan, e durante anos precioso ornamento, graça e até Musa, do salão da Marquiza, com quem depois rompeu por motivos de ciúme e despeito desta.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.

(Continua)



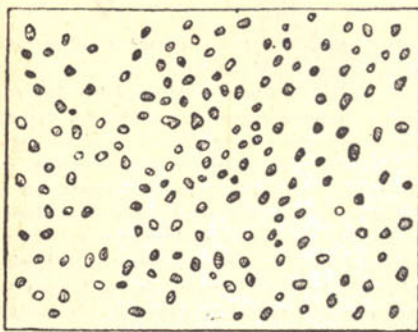
Passatempo

O DINHEIRO ESCONDIDO

(Problema)

Tendo morrido um velho solteirão, com fama de avaro, os parentes não lhe encontraram em casa dinheiro algum. Apenas, guardado no fundo de uma gaveta, estava um papel já amarelento, que dizia assim :

«Os 55 contos de réis que constituem todo o meu capital, estão enterrados no pinhal que fica junto de minha casa, repartidos por cinquenta e cinco sacos de 1 conto de réis cada um e cada saco escondido ao pé da sua árvore. Para os encontrar, tenho de traçar, a partir do pinheiro onde encontrei o ninho, uma linha quadrada, de modo que cada uma



das rectas que a compõem reína quatro árvores. Cuidado! Pelo traçado da linha resultou-me ter metido ao pé de uma das árvores dois sacos.»

Se soubessem qual era a árvore onde o velhote encontrara o ninho, não teria sido difícil dar com a pista do dinheiro; mas ninguém sabia e o caso estava complicado.

Talvez os nossos leitores sejam capazes de a descobrir e para isso lhes apresentamos aqui a planta do pinhal.



PORTE-BONHEUR

—O que foi que te aconteceu? Tens o dedo polegar todo entrapado; como arranjaste tu isso, homem?

—Ora, foi a pregar uma ferradura, por cima da porta, para dar felicidade.



UMA RECOMENDAÇÃO

Gonçalo (pouco endinheirado):—Gostava que viesses comigo ao meu alfaiate ajudar-me a escolher um fato, vens?

Silvério (homem de haveres):—Porquê? Julgas que tenho mais gosto do que tu?

Gonçalo:—Não é bem isso, meu caro, mas o que tens é mais crédito.



A enfermeira:—Seu marido tem a perna fracturada.
A sr.^a Anastácia:—Ah! graças a Deus, que não está partida.

A frêguesa:—Estou farta dos ovos que o senhor vende. Parece que todos eles têm um pinto dentro.

O merciciro:—Olhe, experimente êstes que não têm, com certeza. São ovos de pata.



Ernesto:—Oíça lá, para que foi você dizer à Beatriz, quando a encontrou ontem no teatro, que eu era um perfeito idiota?

Gabriela:—Ah! Você desculpe, eu não imaginava que se tratava dum segrêdo!

O pai, para o Chiquito:

—Porque penduraste o retrato da tia com um cordel tão delgadinho e o retrato do tio com uma corda tão grossa?

—Papá, porque o tio pesava 120 quilos.



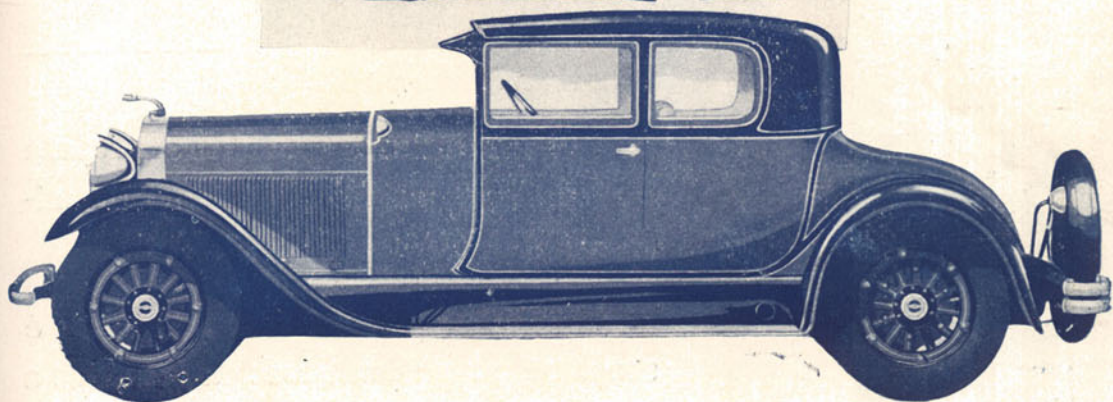
O professor, lendo: «...e quando os filhos dos spartanos nos prometiam, ao nascer, ser são e robustos, matavam-os...».

O Quim:—Perdão, senhor professor, como podiam êles prometer tal coisa, se acabavam de nascer?



Este terrível gigante tem feito inúmeras vítimas. Elas aí estão caídas pelo meio dessas rochas. Não as vêem?

ESTAMPAS ESPAÑOLAS



Antigamente a frágil Caleche
era a demonstração máxima
de gosto apurado, riqueza e
elegância.

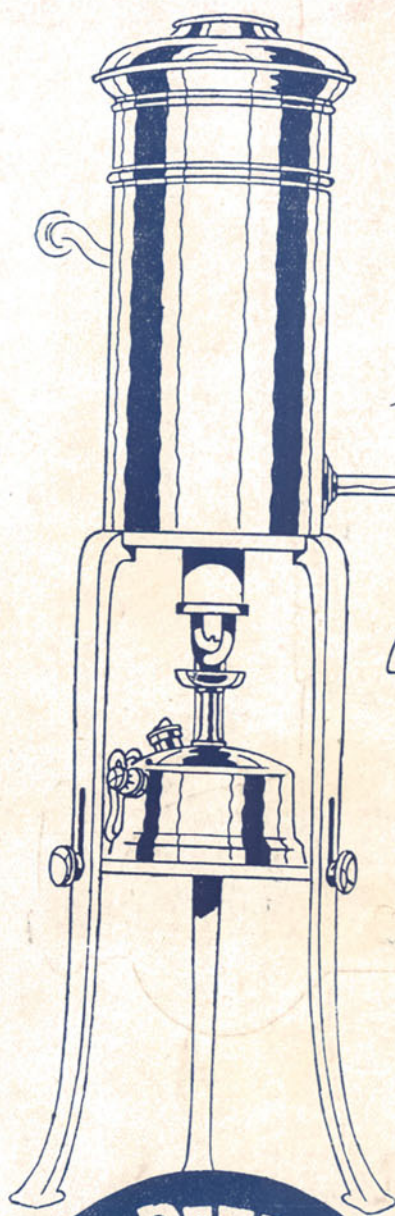
Hoje em dia, Lincoln, resume
tudo isto, como símbolo de
requite cosmopolitanismo e
alta posição social.

LINCOLN

LINCOLN  FORDSON

Ford Motor Ibérica
BARCELONA

Banhos quentes económicos



O Esquentador «VACUUM» prepara um banho quente com um dispêndio mínimo de Petróleo SUNFLOWER.

Embeleza qualquer casa de banho; é simples de manejar e funciona em toda a parte onde basta que haja água corrente de um depósito.

É, portanto, indicado tanto para a cidade como para o campo.



ESQUENTADORES VACUUM

VACUUM OIL CO.